

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação

Fabiane Fernandes Guerra

**O PROCESSO DE SENSIBILIZAÇÃO PARA OS PRINCÍPIOS DA
INCLUSÃO:**

Uma experiência de análise de conteúdo

Rio de Janeiro
2016

FABIANE FERNANDES GUERRA

**O PROCESSO DE SENSIBILIZAÇÃO PARA OS PRINCÍPIOS DA
INCLUSÃO:**

Uma experiência de análise de conteúdo

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio de
Janeiro como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau de
licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sandra Cordeiro
de Melo

Rio de Janeiro

2016

FABIANE FERNANDES GUERRA

**O PROCESSO DE SENSIBILIZAÇÃO PARA OS PRINCÍPIOS DA
INCLUSÃO:**

Uma experiência de análise de conteúdo

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio de
Janeiro como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau de
licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sandra Cordeiro
de Melo

Aprovada em: ___/___/_____

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra Cordeiro de Melo (UFRJ)

Parecerista: Prof.^a Dr.^a Ana Ivenicki (UFRJ)

Parecerista: Prof.^a Dr.^a Celeste Azulay Kelman (UFRJ)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo amor eterno com que me concedeu o dom da vida, pela graça que me ajuda nesta caminhada aqui e pela força necessária para a conclusão deste ciclo.

A minha amada mãe, que muito batalhou para que esta formação fosse possível e quem me incentiva sempre a sonhar mais alto. Sem ela não chegaria até aqui.

Ao meu esposo Wiliam Augusto, pelo amor, carinho e cuidado e às minhas irmãs, Luana Fernandes Guerra e Livia Carla Fernandes Guerra, pelo companheirismo, amor e apoio.

A minha querida orientadora, Sandra Cordeiro de Melo, pelo cuidado, paciência, disponibilidade e ensinamentos sem os quais este trabalho não seria possível.

Ao grupo de pesquisa LaPEADE que, por meio do desenvolvimento de pesquisas e estudos, muito me auxiliou na construção de uma mentalidade mais crítica, ampliando minha visão acerca dos processos de inclusão/exclusão e impulsionando uma atuação mais participativa na luta por uma sociedade mais inclusiva.

Às Professoras Ana Ivenicki e Celeste Azulay Kelman, minhas professoras na graduação com as quais muito aprendi e que, hoje, aceitaram o convite para avaliar este trabalho.

A UFRJ, instituição na qual me formo e pela qual tenho muito apreço e admiração.

RESUMO

GUERRA, Fabiane Fernandes. **O processo de sensibilização para os princípios da inclusão:** uma experiência de análise de conteúdo. Rio de Janeiro, 2016. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Esta monografia se configura como um estudo de análise de conteúdo, tendo sido desenvolvida no campo da educação, no cenário de uma Escola de Governo. Está inserida em uma pesquisa maior, intitulada *Inclusão na Administração Pública* (IAP)¹. O desenvolvimento da pesquisa IAP se deu por meio de etapas, sendo este estudo um recorte da terceira. A primeira etapa consistiu em um curso de formação, que teve por objetivo sensibilizar os profissionais da área da Educação (docentes e *staff*) de uma Escola de Governo aos princípios da inclusão. A segunda etapa objetivou promover uma reformulação nos currículos e programas de curso, de forma que os docentes participantes considerassem os princípios desenvolvidos na primeira etapa. A terceira etapa buscou observar a atuação de quatro professores participantes das etapas anteriores, com o objetivo de conhecer as suas práticas e verificar se e como estes adotaram os princípios de inclusão trabalhados nas etapas anteriores. A quarta etapa teve por objetivo desenvolver um grupo focal, com o intuito de revisar e discutir com os docentes participantes situações e eventos levantados na terceira etapa. Esta monografia se detém na terceira etapa, e provê recursos para a quarta. A questão que colocamos é: É possível modificar a prática de professores para uma atuação mais inclusiva? Na busca por respostas a esta questão, utilizamos a abordagem qualitativa do tipo estudo de caso e verificamos as relações presentes nos cursos analisados, além de mapearmos situações que servissem de base para posteriores discussões. O cenário deste estudo é composto por três cursos ministrados pelos professores participantes da pesquisa IAP. Como referencial teórico, nos baseamos nos estudos de Yin (2001) sobre pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, em Bardin (2011), nos estudos sobre análise de conteúdo, em Booth e Ainscow (2012) e Santos (2013) nos estudos sobre inclusão. Como resultado, esta monografia mostrou que, sensibilizados pelos princípios da inclusão, os professores reviram suas práticas, tornando-as mais participativas, acolhedoras e acessíveis e oportunizando a adoção de novas estratégias de ensino. Este estudo possibilitou, ainda, o desenvolvimento de categorias de análise relativas aos cursos acompanhados, com o intuito de trabalhá-las junto a estes mesmos professores no grupo focal (etapa 4), buscando refletir sobre suas práticas.

Palavras-chave: Análise de conteúdo; Escolas de governo; Formação de professores.

¹ A pesquisa *Inclusão na Administração Pública* é coordenada pela Prof. Dra. Sandra Cordeiro de Melo e teve início em 2013 por meio de um convênio de cooperação entre a UFRJ - Faculdade de Educação e o Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro - Escola de Contas e Gestão.

ABSTRACT

GUERRA, Fabiane Fernandes. The raising awareness process for inclusion principles: a content analysis experience. Rio de Janeiro, 2016. Monograph (Work of Course Conclusion in Education) – School of Education, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This monography is configured as a content analysis study, which having been developed in the education field, in a Government School scenario. This research is part of a larger research entitled Inclusion in Public Administration (IPA)². The IPA research development took place in stages, being this study a cut form the third one. The first stage consisted in a training course, which aimed to sensitizing the education professionals (teachers and staff) of a Government School for the inclusion principles. The second stage aimed to promote curricula and course programs reformulation, so that the participating teachers consider the developed principles in first stage. The third stage sought to observe a four teachers performance, who participated in the previous stages, in order to know their practices and to verify if and how they adopted the inclusion principles worked on the previous stages. The fourth stage aimed to develop a focus group, with the revisiting and discussing with the participating teachers situations and events raised in third stage purpose. This monography stop in third stage and provides resources for the fourth one. The question we pose is: Is it possible to change the teachers practice for more inclusive action? Searching for answers to this question, we used the case study research within qualitative approach and verified the presented relations in the analyzed courses, besides mapping the situations that would serve as basis for later discussions. This study scenario is composed by three courses taught by the IPA survey participating teachers. As a theoretical reference, we were based on Yin (2001) studies, regarding the case study research within qualitative approach, in Bardin (2011) content analysis studies, and in Booth and Ainscow (2012) and Santos (2013) for inclusion studies. As a result, this monography showed that, sensitized by the inclusion principles, the teachers reviewed their practices, making them more participatory, welcoming and accessible, and opportunizing the new teaching strategies adoption. This study also allowed the development of analysis categories related on the followed courses, intended to working with these same teachers in the focus group (step 4), seeking to reflect on their practices.

Key Words: Content Analysis; Government Schools; Teachers Training.

² The Inclusion in Public Administration research is coordinated by Prof.^ª Dr.^ª Sandra Cordeiro de Melo and started in 2013 through a cooperation agreement between UFRJ – College Education and the Account Court of the Rio de Janeiro State – Accounts and Management School.

LISTA DE ABREVIATURA

ECG - Escola de Contas e Gestão

TCE – Tribunal de Contas e Gestão

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IAP – Inclusão na Administração Pública

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Exemplo do levantamento de códigos	26
Tabela 02: Exemplo da frequência dos códigos com sua contagem.....	27
Tabela 03: Exemplo da formação das categorias de análise.....	28
Tabela 04: Exemplo da alocação das unidades de sentido.....	29
Tabela 05: Exemplo dos eventos selecionados.....	30
Tabela 06: levantamento dos códigos, frequência e descrições.....	32
Tabela 07: Organização das unidades de sentido.....	33
Tabela 08: Levantamento dos códigos frequência e descrições	41
Tabela 09: Organização das unidades de sentido.....	42
Tabela 10: levantamento dos códigos, frequência e descrições.....	47
Tabela 11: Organização das unidades de sentido.....	49

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. JUSTIFICATIVA	12
3. A PESQUISA INCLUSÃO NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (IAP)	15
4. AS ESCOLAS DE GOVERNO	16
5. O INDEX PARA INCLUSÃO	18
6. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO MONOGRÁFICO	19
6.1 OBJETIVO GERAL	19
6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
6.3 QUESTÃO DA PESQUISA	19
7. METODOLOGIA	20
7.1 ESTUDO DE CASO	21
7.2 COLETA DE DADOS	22
8. ANÁLISE DE CONTEÚDO	24
8.1 LEITURA DO BLOCO DE REGISTRO DE CAMPO	25
8.2 LEVANTAMENTO DE CÓDIGOS E SUAS DESCRIÇÕES	25
8.3 CONTAGEM DOS CÓDIGOS	26
8.4 FORMAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE	27
8.5 ORGANIZAÇÃO DAS UNIDADES DE SENTIDO	28
8.6 EVENTOS SELECIONADOS	30
9. ANÁLISE DOS RESULTADOS	31
9.1 CURSO 1: ATUAÇÃO A SERVIÇO DOS ALUNOS	31
9.2 CURSO 2: O CUIDADO DO PROFESSOR COM OS ALUNOS	40
9.3 CURSO 3: AS BARREIRAS DA SALA DE AULA	47
9.4 É POSSÍVEL MODIFICAR A PRÁTICA DE PROFESSORES PARA UMA ATUAÇÃO MAIS INCLUSIVA	53
10. CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
APÊNDICES	59
APÊNDICE 1: BLOCÃO DE REGISTRO DE CAMPO CURSO 1	60
APÊNDICE 2: BLOCÃO DE REGISTRO DE CAMPO CURSO 2	71
APÊNDICE 3: BLOCÃO DE REGISTRO DE CAMPO CURSO 3	79

1. INTRODUÇÃO

O cenário da educação está associado à escola de ensino básico. Contudo, este campo possui áreas e segmentos ainda pouco explorados. É com base nesta lacuna que se apoia este estudo, pois o mesmo traz como campo de pesquisa uma Escola de Governo.

As Escolas de Governo, regulamentadas pela Constituição Federal de 1988, foram originadas em um momento histórico que clamava pela redemocratização do país, com o objetivo de promover a formação continuada do pessoal da administração pública e transpor a nova visão que permeava o país. Este tipo de escola, assim como as de educação básica, tem o papel de educar seus alunos. No caso das Escolas de Governo, esta educação passa pelos interesses da administração pública.

A presente monografia se configura como um estudo de análise de conteúdo e tem por objetivo analisar três cursos oferecidos pela Escola de Governo, ministrados pelos professores colaboradores que participaram da primeira etapa da pesquisa Inclusão na Administração Pública, coordenada pela Prof.^a Dr.^a Sandra Cordeiro de Melo, em 2013.

A pesquisa IAP foi dividida em quatro etapas. A primeira consistiu na realização de um curso, com duração de 16 horas/aula, com o objetivo de promover reflexões sobre os princípios da inclusão em educação, a fim de sensibilizar seus integrantes a tais princípios. Para isso, o curso promoveu estudos de autores do campo da educação, fundamentando a importância de se pensar a inclusão/participação nos processos de ensino aprendizagem, e tendo sido oferecido à equipe da escola: corpo docente, coordenadores e demais profissionais.

A segunda etapa teve por objetivo formar, por meio de uma oficina de 8 horas/aulas, os docentes que participaram do curso (objeto da 1ª etapa), para que tivessem a oportunidade de rever, repensar e reformular seus programas de curso/disciplina, planejamentos e conteúdos abordados, buscando trazer para tais documentos os princípios da inclusão em educação.

A terceira etapa teve por objetivo observar e registrar integralmente três cursos ofertados pela escola ministrados por professores que participaram das etapas anteriores, com o intuito de responder à questão *É possível modificar a prática de professores para uma atuação mais inclusiva?*, além de identificar, nestes cursos, situações que pudessem ser utilizadas como material para a 4ª etapa do projeto. É de acordo com a 3ª etapa que esta monografia se baseia.

Este estudo tem por objetivo, portanto, investigar os possíveis impactos das etapas 1 e 2 da pesquisa IAP, respectivamente: o curso Inclusão na Administração Pública e a oficina Inclusão na Administração Pública, buscando analisar como e se os professores colaboradores reformularam suas ações de forma a oportunizar mais participação em suas salas de aula. Para tanto, a abordagem metodológica utilizada foi a análise de conteúdo (Bardin, 2011).

Como resultado, esta monografia mostrou que, sensibilizados pelos princípios da inclusão, os professores reviram suas práticas, tornando-as mais participativas, acolhedoras e acessíveis, oportunizando a adoção de novas estratégias de ensino. Este estudo possibilitou, ainda, o desenvolvimento de categorias de análise relativas aos cursos acompanhados, com o intuito de trabalhá-las junto a estes professores no grupo focal (etapa 4), buscando refletir sobre suas práticas.

2. JUSTIFICATIVA

Pretendemos, aqui, elencar as razões que motivaram a elaboração deste estudo e que culminaram neste trabalho monográfico. Tais motivações são tanto de origem pessoal como científica, visto que o mesmo traz novos debates, reflexões e conhecimentos acerca da prática docente.

A primeira justificativa para o desenvolvimento deste estudo é de caráter pessoal, de modo que utilizarei a primeira pessoa do singular. Conheci minha atual orientadora por meio do programa de monitoria em que fui monitora da disciplina Psicologia da Educação do curso de Pedagogia. A partir daí surgiu o convite para conhecer o Laboratório de Pesquisas, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação (LaPEADE), associado à Faculdade de Educação da UFRJ e coordenado pelas professoras Mônica Pereira dos Santos, Sandra Cordeiro de Melo e Mylene Cristina Santiago (Universidade Federal Fluminense - UFF).

No ano de 2013 comecei a frequentar as reuniões do grupo, ao qual muito me identifiquei. Passados alguns encontros, já havia resolvido fazer parte da equipe e me engajei na pesquisa intitulada “Inclusão na Administração Pública”. Nesta pesquisa fui bolsista PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica por um ano e meio. Com a vivência no grupo de pesquisa pude aprender muito, tanto no que diz respeito à visão do laboratório, como na pesquisa que escolhi fazer parte.

Em ambos tive a oportunidade de amadurecer os conhecimentos relativos aos processos de inclusão/exclusão, tema principal e primordial dos estudos, defendido e disseminado pelo laboratório. Por meio da vivência nesses anos pude ampliar meus conhecimentos e despertar para a luta da inclusão, não só no sentido das necessidades especiais dos sujeitos com alguma deficiência, mas em um contexto mais amplo, acreditando que inclusão e exclusão são processos intermináveis.

Participar dos estudos do grupo e da elaboração desta pesquisa me fez admirar tal tema e acreditar que o mesmo precisa ser difundido no sentido de poder contribuir para o campo da educação. Foi neste cenário de identificação e admiração à pesquisa que resolvi estudar o tema em questão. Foi por

acreditar nesta perspectiva que escolhi defender as concepções e os ideais por ela propagados.

O enfoque e o campo desta pesquisa são pioneiros no que diz respeito à área da inclusão em educação. A construção deste trabalho é uma proposta inovadora para a pedagogia, porém não desconhecida, pois o local da pesquisa é, sem dúvida, sua especificidade. O projeto em uma Escola de Governo traz um diferencial em um movimento de contribuir para o campo da pesquisa em educação, possibilitando novas descobertas e novos debates acerca deste ambiente educativo ainda pouco explorado. O estudo é desenvolvido com os servidores que atuam diretamente na administração pública do Rio de Janeiro.

O diferencial proposto por este estudo é o apontamento na atuação do professor, não no sentido de culpabilizá-lo por todas as barreiras e dificuldades, mas sim reconhecer que sua atuação pode influenciar por completo na educação. A proposta, aqui apresentada como a análise da experiência de um processo de sensibilização, reflete minha concepção acerca do sentido da palavra formação. O formar exige essa sensibilização proposta pela pesquisa IAP.

No entanto, esta proposta não está atrelada à implementação de uma fórmula, nem tão pouco reforçar ou apoiar a implementação de leis, decretos ou imposições. Não acredito que a real mudança em prol de práticas mais inclusivas ocorra por meio de deveres, exigências e obrigações. A questão central é mostrar como experiências que afetam o indivíduo podem ser eficazes no seu poder de alcance. Acredito que a formação do professor, profissional que atua como especialista na arte de educar, precisa estar de acordo com essa visão fincada na sensibilização, pois por meio dessa ação a aprendizagem se dará de forma muito mais prazerosa e eficaz.

A relevância deste estudo é sua contribuição para a administração pública e, conseqüentemente, para a sociedade, pois o seu desenvolvimento permite a criação de um ciclo que é positivo para a Universidade, visto que possibilita que os estudos e pesquisas ultrapassem os muros acadêmicos e alcancem a sociedade. Acredito que este é um dos papéis da universidade e também da atual pesquisa na qual este estudo se baseia.

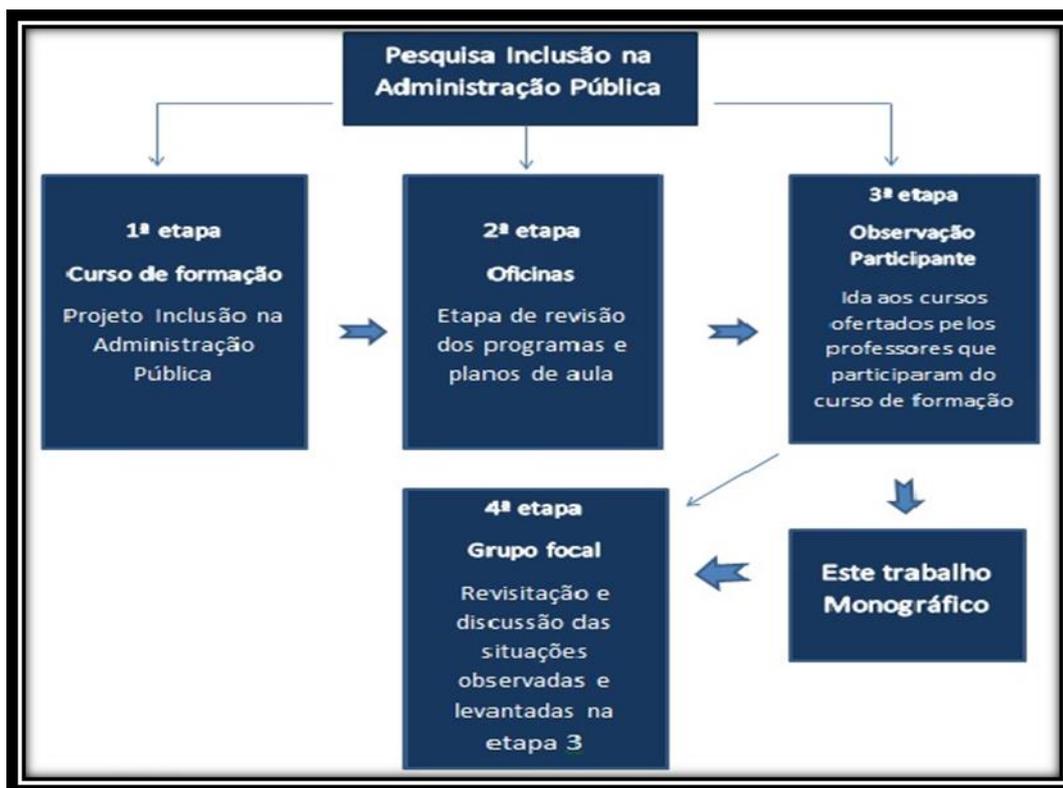
De igual modo, atribui valor e crédito a este estudo a concepção abrangente de inclusão que aborda. Desde minha inserção no LaPEADE, ressignifiquei muitos conhecimentos, valores e concepções. Fui movida e comovida pela concepção e visão presente nos estudos realizados, e, por esse motivo, busco o compromisso de contribuir na propagação desta visão acerca da inclusão, que, para nós, é percebida de forma mais ampla, não se restringindo, portanto, apenas ao campo das deficiências, mas o ultrapassando e trazendo o conceito de barreiras à participação.

Desta forma, tudo que impede a participação, seja o que for, é uma barreira. Entendemos, também, que o processo de inclusão abarca três dimensões: a de culturas, de políticas e de práticas, para tanto, utilizamos o documento Index para a Inclusão (BOOTH E AINSCOWN, 2011) como instrumento norteador das reflexões e ações no campo estudado.

3. A PESQUISA INCLUSÃO NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (IAP)

A pesquisa Inclusão na Administração Pública (IAP) teve início no ano de 2013 e é coordenada pela Prof.^a Dr.^a Sandra Cordeiro de Melo. Tal pesquisa foi possibilitada por intermédio de um convênio firmado entre o Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro, através da escola de Contas e Gestão, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, por meio da Faculdade de Educação. A pesquisa teve como principal objetivo propor à uma escola de governo um processo de formação e sensibilização para os princípios da Inclusão.

Figura 1: Etapas da pesquisa inclusão na administração pública



Fonte: Figura criada com base no projeto de pesquisa IAP

4. AS ESCOLAS DE GOVERNO

Buscamos, aqui, apontar as características intrínsecas da escola na qual esta pesquisa se orienta. Neste momento, pretendemos, por meio de suas definições, ressaltar sua principal função e, também, salientar seu público-alvo, de modo a enfatizar seu impacto na sociedade. Segundo definição do INEP:

As Escolas de Governo são instituições públicas criadas com a finalidade de promover a formação, o aperfeiçoamento e a profissionalização de agentes públicos, visando ao fortalecimento e à ampliação da capacidade de execução do Estado, tendo em vista a formulação, a implantação, a execução e a avaliação das políticas públicas (INEP, 2016).

Com a incumbência de pensar e prover a formação dos servidores públicos, as Escolas de Governo têm autonomia para as ações educacionais desde que estas sejam para aprimoramento do seu pessoal. Dito isto, podemos perceber que uma das principais funções atribuídas a esta instituição é a formação dos seus servidores, formação esta que se relaciona diretamente com a educação.

Tendo este como um dos principais objetivos, as escolas de governo têm considerável papel, visto que é por meio delas que se pode alcançar os profissionais da administração pública dos mais diversos municípios fluminenses. O alcance da mesma é, sem dúvida, incontestável, na medida em que viabiliza, a este público abrangente e numeroso, o compartilhamento de conhecimentos, conteúdos, visões e concepções sobre a administração pública.

É válido ressaltar que os profissionais alcançados por meio da atuação da Escola de Governo lidam diretamente com os servidores municipais do Estado do Rio de Janeiro. São técnicos que fazem valer as leis, que elaboram projetos, que apuram contas e licitações, enfim, profissionais que fazem a administração pública mover-se. Tendo esse panorama, esta pesquisa se faz, de fato, pertinente, pois é a partir destes sujeitos que atingiremos suas práticas e atuações, por meio da criação e planejamento de novas políticas públicas, de

modo que, conseqüentemente, a sociedade receberá, em matéria de serviços, tais benefícios.

Ainda complementando as características e definições peculiares do campo de estudo desta pesquisa, as escolas de Governo são regulamentadas pela Constituição Federal de 1988. Assim:

§ 2º A União, os Estados e o Distrito Federal manterão escolas de governo para a formação e o aperfeiçoamento dos servidores públicos, constituindo-se a participação nos cursos um dos requisitos para a promoção na carreira, facultada, para isso, a celebração de convênios ou contratos entre os entes federados (CF, 1988, Seção II)

Outra questão a ser ressaltada é a importância que a legislação em vigor dá para tais instituições e isto se configura quando a mesma cita a participação nos cursos como requisito para promoção na carreira pública. Por meio do trecho supracitado, foi possível percebermos a concepção de apoio à formação continuada que perpassa a legislação e, por conseguinte, a administração pública.

Outro aparato legal que define o papel das escolas de governo é o Decreto Nº 5.707, de 23 de fevereiro de 2006, que, em seu texto, menciona:

Art. 4º Para os fins deste Decreto, são consideradas escolas de governo as instituições destinadas, precipuamente, à formação e ao desenvolvimento de servidores públicos, incluídas na estrutura da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.

Parágrafo único. As escolas de governo contribuirão para a identificação das necessidades de capacitação dos órgãos e das entidades, que deverão ser consideradas na programação de suas atividades (BRASIL, 2006).

Mediante tais definições e o caráter a elas atribuídos, chamamos a atenção para a importância destas instituições para nossa sociedade. Em primeiro lugar, no que diz respeito a formar os profissionais que atuam diretamente com a administração pública. Em segundo lugar, no sentido de ter, também, a atribuição de mapear as demandas, para, assim, buscar saná-las. Entendemos tais instituições como potenciais para o avanço de nossa administração pública, pois se configuram como instâncias facilitadoras da comunicação entre a sociedade civil e a gestão pública.

5. O INDEX PARA INCLUSÃO

O *Index para a Inclusão* (BOOTH e AINSCOW, 2011) é um documento produzido originalmente na Inglaterra, o qual, atualmente, encontra-se em sua 4ª edição. No Brasil, foi traduzido pela Prof.^a Dr.^a Mônica Pereira dos Santos. O documento é nacional e internacionalmente testado e funciona como um norteador para o processo de inclusão.

De acordo com os autores (idem, p. 19), trata-se de “um conjunto de materiais para apoiar a autorrevisão de todos os aspectos de uma escola”, a partir de um trabalho conjunto que envolve toda a comunidade escolar em busca de um ambiente mais inclusivo que garanta a participação e que, colaborativamente, reveja suas ações.

O *Index para a Inclusão* trabalha com o conceito de culturas, políticas e práticas, que significam, respectivamente, os valores a serem considerados, as regras e normas envolvidas e criadas e as ações efetivas realizadas. O *Index* também propõe o conceito de barreiras à participação e à aprendizagem como elementos importantes de serem levantados no processo de autorrevisão.

6. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO MONOGRÁFICO

Buscamos aqui apresentar as peculiaridades e nuances deste estudo, no intuito de reforçar os objetivos do trabalho. Detalharemos, portanto, como se deu o processo de coleta, análise e organização dos dados aqui apresentados.

6.1 OBJETIVO GERAL

Investigar os possíveis impactos das etapas 1 e 2 da pesquisa IAP, respectivamente: o curso Inclusão na Administração Pública e a oficina Inclusão na Administração Pública, buscando analisar como e se os professores colaboradores reformularam suas ações de forma a oportunizar mais participação em suas salas de aula.

6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar qualitativamente os registros de campo dos três cursos observados na etapa 3 da pesquisa IAP como subsídio para a etapa 4 (Grupo Focal);
- Comparar os dados levantados nos três cursos, buscando levantar os impactos das etapas 1 e 2 na interação professor-aluno-conhecimento;
- Levantar 5 casos de cada curso para serem trabalhados na etapa 4 da pesquisa IAP (Grupo Focal).

6.3 QUESTÃO DA PESQUISA

Assim, com base nos objetivos apresentados, nos perguntamos: É possível modificar a prática de professores para uma atuação mais inclusiva?

7. METODOLOGIA

Buscamos, aqui, trazer à luz do leitor a abordagem e o paradigma em que essa pesquisa se apoia. Para tanto, conceituaremos tais escolhas e detalharemos as principais características, a fim de mostrar a correlação existente entre esta pesquisa e o referencial teórico escolhido.

A pesquisa em questão está baseada no paradigma qualitativo, visto que entendemos que o campo é a fonte direta dos dados estudados e apresentados, assim como salienta Godoy (1995B, p. 57):

O enfoque qualitativo apresenta as seguintes características: o pesquisador é o instrumento chave, o ambiente é a fonte direta dos dados, não requer o uso de técnicas e métodos estatísticos, a análise dos dados é feita de forma intuitiva pelo pesquisador, possui caráter descritivo, o resultado não é o foco da abordagem, mas o processo e seu significado.

Este estudo propõe o pensar, investigar, descrever e analisar o ambiente e seus respectivos eventos. Buscamos olhar minuciosamente as expressões e falas, agitações e silêncios, gestos e comportamentos, não no intuito de generalizar ações ou trazer uma estatística sobre os mesmos, mas em um sentido de análise do caso escolhido, considerando como relevante tudo que o campo tem a oferecer. Assim,

Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando "captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vistas relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (idem, p. 21)

Partindo-se do princípio de que um fenômeno é melhor analisado em seu contexto e que este contexto tem muito a dizer, esta pesquisa se desenvolveu em um ambiente natural, habitual dos sujeitos envolvidos. Procuramos coletar os dados que o campo trazia e, também, de forma intencional, propusemos o desenvolvimento, em conjunto, dos conceitos e questões pretendidas. Neste sentido, de acordo com Minayo (2001, p. 21),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

As interações constantes deste espaço mais profundo, tal como menciona a autora, configuram um desafio da pesquisa, pois tais movimentos ocorrem de forma mútua, em tempo real. Apesar de seu caráter intencional, uma questão que se apresenta é a espontaneidade dos fenômenos, os quais surgem e se externam, cabendo ao pesquisador captar e analisar essa particularidade. Compartilhando destes conceitos relacionados à pesquisa qualitativa, esta monografia foi formulada como um estudo de caso.

7.1 ESTUDO DE CASO

Este tipo de pesquisa abrange o paradigma qualitativo e nos permite um contato mais próximo com o objeto e sujeitos pesquisados. O estudo de caso permite perceber peculiaridades de um determinado fenômeno a ser analisado, uma vez que se trata de “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real” (YIN, 2005, p. 32).

É neste contexto que este estudo está baseado, pois se deu em um cenário familiar aos sujeitos pesquisados e se propôs a investigar esta realidade. Buscamos ver de perto os detalhes do universo da sala de aula, no que diz respeito às influências do curso e da oficina oferecida à equipe da Escola de Governo na prática docente dos professores colaboradores. Em resumo, de acordo com Yin (2001, p. 21), o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real (YIN, 2001, p. 21).

No caso deste estudo, convidamos os professores participantes das etapas 1 e 2 para colaborarem na fase 3, permitindo que assistíssemos suas

aulas e registrássemos nossas percepções sobre os acontecimentos. Dos cerca de 50 professores participantes das primeiras etapas, quatro permitiram que entrássemos em suas salas de aula. Deste modo, este estudo de caso se refere aos três cursos observados e ministrados por estes professores.

7.2 COLETA DE DADOS

Expomos, aqui, os instrumentos utilizados para a coleta de dados da pesquisa IAP. Tais instrumentos contribuíram para o desenvolvimento da análise deste estudo monográfico e forneceram subsídios para a etapa quatro.

Antes desta apresentação, detalharemos as informações de cada curso/campo com as respectivas cargas horárias e público participante. O intuito é fornecer melhor panorama ao leitor dos detalhes e peculiaridades do campo.

A pesquisa Inclusão na Administração Pública, pesquisa maior da qual este estudo é recorte, teve como instrumentos de coleta de dados as observações participantes, as gravações em áudio, gravações em vídeo e os blocos de registro de campo. A seguir discutiremos cada um desses instrumentos, porém ressaltamos que, para fins desta monografia, foram analisados os blocos de registro de campo dos três cursos discriminados a seguir:

Curso 1: “Economicidade em Licitações” – 16h/a – Professoras Laura³ e Rose;

Curso 2: “Economicidade em Licitações em Contratos Administrativos – Compras e Serviços” – 24h/a – Professor Marcos;

Curso 3: “Controle Interno” – 36h/a – Professor Carlos;

O período de coleta de dados se deu de 02 de setembro de 2015 a 8 de abril de 2016. Nove pesquisadoras do LaPEADE contribuíram neste processo. Segue os instrumentos utilizados para coleta de dados da pesquisa IAP.

³ Para fins deste estudo, os nomes foram substituídos por nomes fictícios.

A observação participante: utilizada como principal fonte de coleta de dados, a observação participante consiste na inserção do pesquisador em campo, de modo que o mesmo se torne parte dele sem que influencie o mesmo. O uso desta técnica denota uma pesquisa preocupada em considerar as relações sociais presentes no contexto estudado. Desta inserção, o olhar do pesquisador é considerado, porém não tido como verdade absoluta.

Os registros em áudio: os registros em áudio são aliados importantes para uma posterior compreensão das situações vivenciadas. Utilizado com o intuito de fornecer maior variedade nas formas de registro dos dados, este instrumento fornece subsídios para posterior transcrição, possibilitando fácil localização e dados com extrema proporção descritiva.

Os registros em vídeo: este recurso oferece a possibilidade de revisitar a situação sem que haja alteração do sentido no contexto real. Permite, também, perceber situações e ações antes não percebidas ou que, no momento, não foram tão expressivas, mas que, em processo de reanálise, possuem significados e tem muito a dizer.

Os blocos de registro de campo: ocuparam importante papel nesta análise. Durante todo o período de observação participante os nove pesquisadores registravam tudo o que acontecia. Quando agrupados, estes registros receberam o nome de “bloco de registro de campo”. Cada aula contava com, no mínimo, duas pesquisadoras e os relatos buscavam ser os mais descritivos possíveis, sem introdução de visões pessoais, isto é, um mesmo fato descrito através de várias percepções, visto por diferentes olhares. Os registros de campo se configuram como importantes instrumentos de coleta de dados na medida que captam, na íntegra, todas as situações ali vivenciadas com escrita no ato.

8. ANÁLISE DE CONTEÚDO

Este capítulo destina-se a explicar de forma detalhada como se deu a análise do documento base deste estudo. Para tanto, falaremos sobre todas as etapas da análise e também sobre como os resultados foram alcançados.

Os dados aqui apresentados foram analisados sob a ótica interpretativa, tomando-se por base o conceito da análise de conteúdo proposto por Bardin (2011, p. 42), que se configura em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A abordagem escolhida para este estudo, e também a concepção adotada para a interpretação dos dados, tem interesse nos sujeitos e no campo no qual o sujeito está inserido e se utiliza de diversos instrumentos para obter deste campo e deste sujeito o máximo possível de dados e informações para fins quantitativos ou analíticos. Assim,

esta abordagem tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas referente à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens.) O analista possui a sua disposição (ou cria) todo um jogo de operações analíticas, mais ou menos adaptadas à natureza do material e à questão que procura resolver (BARDIN, 2011, p. 48).

A análise de conteúdo nos proporciona um desvelar minucioso do que se pretende investigar. Nos detivemos a cada detalhe que os dados trouxeram, a fim de garantir um olhar atento aos eventos.

Esta análise seguiu algumas etapas e critérios em seu desenvolvimento. A análise teve início no local do evento, por meio dos registros das situações. Tais registros foram feitos por nove pesquisadores e cada registro era salvo e anexado em um documento que recebeu o nome de “blocão registro de campo”. Passada esta etapa, iniciou-se um longo trabalho de análise desse texto, em que foi feita a leitura detalhada do mesmo e posteriormente a análise.

A seguir detalharemos passo a passo os caminhos trilhados rumo ao resultado exposto aqui.

8.1 LEITURA DO BLOCO DE REGISTRO DE CAMPO

Para início da análise e como instrumento base para os dados, foi selecionado o “bloco de registros de campo”, contendo todos os registros realizados a partir das observações participantes nos três cursos acompanhados. No total, foram 72 horas de curso observadas e quase 300 páginas de registros de campo. A partir desta etapa, iniciou-se o processo de leitura do mesmo.

Desse modo, neste momento, a atenção esteve voltada para um olhar geral do documento. O intuito maior era conhecê-lo e ter contato com os dados coletados. Foi interessante, também, notar as mesmas situações relatadas a partir de diferentes óticas, pois cada aula contava com, no mínimo, uma equipe de duas pesquisadoras que relatavam e descreviam tudo o que se passava.

8.2 LEVANTAMENTO DE CÓDIGOS E SUAS DESCRIÇÕES

Após a leitura geral do documento, demos início a uma análise mais detalhada e minuciosa. Neste momento, o olhar se voltou para a codificação das situações e ações relatadas. O processo de codificação se deu da seguinte forma: toda e qualquer ação, ao ser lida, recebia uma codificação. A questão era definir, em poucas palavras, o sentido da ação. Portanto, se havia o relato de que a turma estava “atenta e prestando atenção”, este evento era codificado como “Interesse”. Em outra situação, se a turma “se agitava e relatava-se várias pessoas conversando paralelamente”, esse evento receberia o código de “burburinho”. Cada ação e evento descrito recebia um código que o definisse da melhor maneira possível.

É importante ressaltar que esses códigos eram levados ao grupo de pesquisa juntamente com as suas descrições, para que assim pudessem, em

um processo de análise coletiva, serem validados. Acreditamos que esse processo de validação tem muito a enriquecer a análise na medida em que considera diferentes opiniões, concepções, pensamentos e pontos de vista. A análise coletiva também auxilia na neutralização de uma visão única do pesquisador.

Esse movimento se deu ao longo de toda a análise. Somente após serem validados pelo grupo os códigos se faziam definitivamente legítimos. Esse movimento trouxe incríveis aprendizados no que tange à pesquisa e às formas de ver de cada observador. Embasada nesse princípio, a codificação foi feita, folha por folha, evento por evento. Cada registro trazia uma ação/acontecimento que era codificado. Este trabalho pode ser exemplificado no exposto abaixo;

Tabela 01: Exemplo do levantamento de códigos

CURSO: ECONOMICIDADE EM LICITAÇÕES ESCOLA FAZENDÁRIA	
PROFESSORAS: LAURA E ROSE	
CÓDIGOS	DESCRIÇÃO
Participação	Ação originada do aluno de perguntar, questionar, completar um exemplo ou fala do professor, e participar de maneira ativa no processo de ensino aprendizagem.
Conteúdo	Momento em que o professor dá ênfase na transmissão do conhecimento, na matéria proposta para a disciplina.

Fonte: Dados coletados a partir do bloco de registro de campo

8.3 CONTAGEM DOS CÓDIGOS

A contagem dos códigos foi um processo extremamente minucioso e extenso. O movimento de contagem para esta análise se configura em uma das etapas mais importantes. A contagem dos códigos nos permitiu revisitar todo o documento e também os códigos anteriormente postos. A contagem foi feita folha por folha, situação por situação. Cada código foi computado. As

situações que se repetem foram agrupadas de forma a fornecer um panorama dos fatos que foram mais recorrentes e, conseqüentemente, também os menos recorrentes.

Foi nesta fase que tivemos a visão geral dos cursos. Foi por meio da contagem dos códigos que pudemos traçar um perfil de como se deu o desenvolvimento dos cursos. A análise de conteúdo, aqui proposta, nos possibilita esse desvelar do todo. Apesar de não expressar, na íntegra, os eventos, ela permite captar as ações ou comportamentos mais marcantes. Segue um exemplo dos códigos, seguidos de suas frequências.

Tabela 02: Exemplo da frequência dos códigos com sua contagem

CURSO: ECONOMICIDADE EM LICITAÇÕES E CONTRATOS ESCOLA FAZENDÁRIA PROFESSORAS: LAURA E ROSE"	
CÓDIGOS	FREQUÊNCIA
Participação	156
Conteúdo	122
Barreiras	125
Interesse	97

Fonte: Dados coletados a partir do bloco de registro de campo

Logo após a finalização da contagem dos códigos, iniciamos outra etapa subsequente a esta, que foi a formação das categorias de análise.

8.4 FORMAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

A etapa aqui descrita está intrinsecamente ligada a etapa anterior, uma vez que foi por meio da contagem dos códigos que este movimento de categorizar foi permitido. Este momento de levantar as categorias consiste em destacar os códigos mais recorrentes, isto é, se um código se repetiu cem vezes, ele estará acima de algum outro código que teve uma frequência menor. Desta forma, surgiram as categorias de análise.

Assim, a contagem foi feita e, com o auxílio do software Excel, organizamos as categorias em ordem crescente, no intuito de ter, em primeiro lugar, o código mais frequente. Para efeitos desta monografia, utilizamos como categorias os cinco primeiros códigos que foram mais frequentes, ou seja, as ações, comportamentos, gestos e acontecimentos que mais foram recorrentes ganharam ênfase e ficaram em destaque.

Tabela 03: Exemplo da formação das categorias de análise

CURSO: ECONOMICIDADE EM LICITAÇÕES E CONTRATOS ESCOLA FAZENDÁRIA	
PROFESSORAS: LAURA E ROSE	
CÓDIGOS	FREQUÊNCIA
Participação	156
Conteúdo	122
Barreiras	125
Interesse	97
Retorno Professor	80
Cuidado	55
Interação professor aluno	53

Fonte: Dados coletados a partir do bloco de registro de campo

Em um movimento posterior de análise, as categorias foram recheadas de unidades de sentido. É sobre esse movimento de alocar os códigos menos frequentes às categorias de análise que trataremos a seguir.

8.5 ORGANIZAÇÃO DAS UNIDADES DE SENTIDO

A etapa aqui descrita está, de igual modo, ligada às etapas anteriores. Nesta análise, uma etapa subsidia a outra, e esse movimento é complementar na medida em que cada etapa vai possibilitando os resultados subsequentes. O movimento aqui descrito foi possibilitado pela formação das categorias de análise.

Foi por meio da formação das categorias que os demais códigos adquiriram sentido. A organização das unidades de sentido é feita de forma

detalhada, pois, ao ter as categorias de análise, os demais códigos não são descartados, eles são alocados de acordo com sua aproximação temática.

Assim, se consideramos uma das categorias “Barreiras”, os demais códigos referentes a esta categoria, tais como falar ao celular, chegar atrasado, sair e entrar de sala, dentre outros, são alocados como unidades de sentido desta categoria. São as unidades de sentido que definem, como o próprio nome diz, o sentido da categoria, ou seja, quando nos referimos a categoria “barreiras”, o fazemos no sentido de elucidar as ações que, de fato, constituíram uma barreira ou desencadearam uma.

Outro exemplo é a categoria “retorno professor”. Esta categoria foi frequente em alguns cursos e era recheada de unidades de sentido que davam sentido a este “retorno”. Assim, quando, em meio aos códigos, apareciam posturas de “cuidado com o aluno”, de “convite à participação”, “estratégia didática”, “postura dinâmica”, estes eram alocados na categoria “retorno”, pois, além de se referir ao sujeito professor, também possuíam, em si, conexão e tinham ligação com o conteúdo recorrente colocado como categoria. Segue abaixo exemplo para melhor compreensão.

Tabela 04: Exemplo da alocação das unidades de sentido

CATEGORIAS DE ANÁLISE	ENFOQUE	UNIDADES DE SENTIDO	FREQUÊNCIA
Retorno Professor	Professor	Retorno professor: 81; Cuidado: 55; Interação professor aluno: 53; Recursos: 32; Estratégia didática: 30; Convite à participação: 14; Apresentação: 6; Postura dinâmica: 2; Cobrança: 2.	275
Participação	Aluno	Interação aluno/aluno: 42; Descontração: 24; Confronto/embate: 11; Participação: 155; Bem-estar: 2.	234

Fonte: Dados coletados a partir do bloção de registro de campo

Esse movimento se deu até não restarem mais códigos “soltos” ou “desconexos”. Todas as ações/códigos foram interligadas às categorias que mais lhe conferiam sentido. Terminada esta etapa, surgiu outro movimento na análise, caracterizado pela tentativa de trazer para o leitor um recorte; um evento que expressasse, de forma clara, o que as categorias, com suas unidades de sentido, expressavam. É sobre essa etapa que o próximo subtítulo irá tratar

8.6 EVENTOS SELECIONADOS

Com a intenção de fornecer ao leitor um panorama sobre do que se trata cada categoria, com suas unidades de sentido, buscamos localizar os eventos que mais coincidiam com a categoria apresentada.

Em vista disso, o último movimento desta análise foi a localização destes eventos no documento base desta pesquisa, o “bloco de observação”. Com isso, cada categoria recheada de suas unidades de sentido ganhou um evento que melhor traduzisse a essência de suas palavras.

Tabela 05: Exemplo dos eventos selecionados

CATEGORIAS DE ANÁLISE	UNIDADES DE SENTIDO	EXEMPLO
Retorno Professor	Retorno professor: 81; Cuidado: 55; Interação professor/aluno: 53; Recursos: 32; Estratégia didática: 30; Convite à participação: 14; Apresentação: 6; Postura dinâmica: 2; Cobrança: 2.	Bloco de registro de campo linhas 1546 a 1563

Fonte: Dados coletados a partir do bloco de registro de campo

9. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste momento, começaremos a explanação do resultado de análise desenvolvido para este trabalho. Neste sentido, detalharemos as peculiaridades de cada curso para situar o leitor no espaço e cenário pesquisado e, também, para problematizar os fatores externos e internos que influenciaram diretamente em cada curso. Logo após esse detalhamento, trataremos as considerações acerca do observado e levantado neste exercício de análise.

9.1 CURSO 1: ATUAÇÃO A SERVIÇO DOS ALUNOS

O curso 1 foi realizado na escola fazendária, que cedeu o espaço à Escola de Governo, e teve por tema a “Economicidade em licitações e contratos da administração pública - obras em serviço de engenharia”. Foi ministrado por duas professoras, técnicas do Tribunal de Contas, que dividiram os conteúdos ministrados. O curso contou com a participação de trinta alunos, servidores da administração direta. Esses alunos vieram de diferentes municípios do estado do Rio de Janeiro, atuando na área tema do curso, que teve duração de 16 horas/aulas, divididas em 2 dias.

A sala de aula era ampla, possuía aproximadamente cinquenta e seis metros quadrados, continha um quadro e um projetor à frente, possuía ar condicionado e também era equipada com extintores de incêndio. A disposição das cadeiras era em grupos, mesas grandes com cadeiras onde cabiam até cinco alunos por mesa, organizadas em fileiras. A porta se encontrava nos fundos da sala, em direção oposta ao quadro, de modo que quem entrasse se deparava com o quadro. Também havia, na lateral da sala, uma janela. Todas as aulas foram acompanhadas, observadas e registradas. É sobre esse processo que falarei a seguir.

O processo de análise do curso 1 originou 19 códigos, a saber: participação, conteúdo, barreiras, interesse, retorno professor, cuidado, interação professor/aluno, recursos, interação aluno/aluno, estratégia didática,

mobilização alunos, descontração, convite à participação, desconforto, confronto/embate, apresentação curso/professor/alunos, postura dinâmica/enfática/empolgada, clima de bem-estar, e cobrança.

Segue abaixo a primeira tabela referente ao curso 1 com os códigos, suas descrições e também a frequência com que as ações ocorreram:

Tabela 06: Levantamento dos códigos, frequência e descrições

BLOCO DE REGISTRO CURSO: ECONOMICIDADE EM LICITAÇÕES ESCOLA FAZENDÁRIA PROFESSORAS: LAURA E ROSE		
CÓDIGOS	FREQUÊNCIA	DESCRIÇÃO
Participação	156	Ação originada do aluno de perguntar, questionar, completar um exemplo ou fala do professor, e participar de maneira ativa no processo de ensino aprendizagem.
Conteúdo	122	Momento em que o professor dá ênfase na transmissão do conhecimento, na matéria proposta para a disciplina.
Barreiras	125	Ação, comportamento, postura ou acontecimento que interfere no desenvolvimento da aula, foi considerado como barreira as conversas paralelas, agitações, burburinhos, atrasos, demonstrações de cansaço, utilização de celular em período de aula, distrações, entra e sai da sala e saídas antecipadas.
Interesse	97	Descrição do comportamento do aluno que demonstra empenho, curiosidade, atenção, vontade de aprender.
Retorno Professor	80	Atitude do professor de explicar, comentar ou responder algo levantado pelo aluno, de forma generalizada, para todos.
Cuidado	55	Ação que demonstra uma atitude de cautela, de preocupação, de sensibilidade por parte do professor.
Interação professor aluno	53	Ação que se faz recíproca entre professor e aluno: comentários/conversa extra/explicação de forma individualizada.
Recursos	32	Suporte material utilizado em sala de aula no intuito de contribuir para o processo de ensino aprendizagem.
Interação aluno – aluno	42	Ato de conversar com o colega, interagir com o outro em período extra aula ou em atividades em grupo.
Estratégia didática	30	De caráter pessoal, por parte do professor, se configura na busca por meios e métodos para alcançar os objetivos propostos.
Mobilização alunos	29	Atitude dos alunos de se organizarem para alguma atividade ou algum objetivo.
Descontração	24	Momento mais à vontade, caracterizado pela espontaneidade, pela brincadeira e pelo riso. Considera alunos e professores.
Convite a	14	Quando há, por parte do professor, um incentivo /

participação		estímulo para que o aluno participe da aula.
Desconforto	14	Expressão corporal explícita, por parte do aluno, de que não há concordância ou não há tranquilidade.
Confronto/ embate	11	Divergência de pensamento ou não concordância, originando defesa de ponto de vista ou debate
Apresentação /curso/ professor/alunos	6	Por parte do professor, atitude de se apresentar ou solicitar que os alunos se apresentem.
Postura dinâmica / enfática empolgada	2	Por parte do professor expressão de animação, vibração, empolgação e entusiasmo.
Clima de bem-estar	2	Expressão explícita de satisfação de harmonia de bem-estar.
Cobrança	2	Por parte do professor de perguntar algo em tom de exigência ou de fato exigir o cumprimento de algo.

Fonte: Dados coletados a partir do bloco de registro de campo

A organização dos códigos por frequência, a partir da qual os códigos mais recorrentes transformavam-se em categorias de análise, nos trouxe um panorama diferente do curso. Foi a partir desta percepção que surgiram os primeiros resultados analíticos. É importante lembrar que as categorias não fecham um diagnóstico de como se deu o curso, mas nos fornecem subsídios para debates e reflexões, uma vez que se caracterizou e registrou a recorrência daquela ação.

Neste curso, as ações mais recorrentes foram: Retorno professor, participação, barreiras, interesse e conteúdo. Tais códigos, uma vez transformados em categorias de análise, são recheados de sentido pelos demais códigos que não tiveram tanta frequência. Partindo deste princípio, a segunda tabela foi gerada, com as categorias seguidas das unidades de sentido. As unidades de sentido ocupam importante papel, pois compõem o todo, e também complementam o sentido das categorias.

Tabela 07: Organização das unidades de sentido

CATEGORIAS DE ANÁLISE	ENFOQUE	UNIDADES DE SENTIDO	FREQUÊNCIA
Retorno Professor	Professor	Retorno professor: 81; Cuidado: 55; Interação professor aluno: 53; Recursos: 32 Estratégia didática: 30; Convite à participação: 14; Apresentação: 6; Postura dinâmica: 2; Cobrança: 2.	275
Participação	Aluno	Interação aluno/aluno: 42;	234

		Descontração: 24; Confronto/embate: 11; Participação: 155; Bem-estar: 2.	
Barreiras	Aluno	Barreira conversa/burburinho/agitação: 59; Barreira atraso: 28; Barreira cansaço: 20; Desconforto: 14; Barreira celular: 8; Barreira entra e sai: 6; Barreira distração: 3; Barreira saída antecipada: 2; Barreira tempo: 2.	142
Interesse	Aluno	Interesse: 97; Mobilização alunos: 29.	126
Conteúdo	Professor		122

Fonte: Dados coletados a partir do bloco de registro de campo

O “Retorno do professor”, categoria de maior frequência neste curso, ganhou ênfase nesta análise. A categoria em seu nome já diz o sentido que ela traz. Nesta análise, “retorno” foi entendido como uma atuação que supõe uma postura de cuidado, isto é, uma interação mútua onde as partes do processo dialogam. Ela requer a busca e utilização de recursos que servirão de mediadores entre o saber e o sujeito alvo do processo de ensino aprendizagem.

O retorno do professor também é visto como o esforço de pensar estratégias didáticas para que haja maior dinâmica na transmissão do conteúdo. Pressupõe, ademais, a busca pela fala do aluno na medida em que o convida a participar do processo, estimula e instiga a voz do outro. O retorno do professor engloba a preocupação com o se fazer conhecido e, para isso, concebe como importante uma apresentação de si e do grupo. O retorno compreendido aqui acredita em uma postura menos rígida e mais dinâmica, mas que não dispensa cobrança quando necessário.

Esta categoria se traduz na postura que foi registrada por diversas vezes, que parte do professor e demonstra atenção e preocupação com o aluno. Por vezes, a professora se mostrava preocupada com as necessidades do aluno, tanto educacionais como físicas. Separamos um trecho retirado do bloco de registro de campo para exemplificar melhor o que esta categoria reflete na prática:

O único a permanecer na sala é A24 (Antonio Felix), um senhor moreno com cabelos grisalhos, mostrando, com simplicidade, sua dificuldade. A professora pergunta se ele trabalha com orçamento e diz que os colegas que já estão acostumados tiveram dificuldades... O aluno demonstra estar desistindo da atividade, professora diz que não, vai explicá-lo (e o incentiva a concluir). Ele demonstra bastante dificuldade, ela vai fazendo junto com o aluno.

16:11 – Professora, após explicar detalhes ao aluno, senta-se em seu lugar e o aluno continua a realizar a atividade. Professora mexe em seu celular. Professora mexe nos slides da aula e projeta uma tabela, deixando-a exposta, talvez, no intuito de auxiliar ao aluno com dificuldade./ Professora bebe água e observa, silenciosamente o aluno com dificuldade. Neste momento, a sala está muito silenciosa./Ouve-se uma voz, no corredor, perguntando: “Já acabou???” Parece referir-se ao curso.

16:17 - Aluno permanece concentrado na resolução do problema. A sala está muito silenciosa./A professora mexe no computador e suas ações no mesmo ainda estão sendo projetadas pelo Datashow.

16:18 – Aluno A24 vai até a professora e entrega sua folha de exercício, fazendo uma observação. A professora diz que “pode deixar que a gente olha”, ele agradece, pega suas coisas, se despede e sai (Blocão de Registro de Campo Curso 1, l. 26, p. 60 – ver apêndices).

O trecho citado acima aponta o quão atenciosa a professora se mostrou. A partir da dificuldade apresentada pelo aluno, vemos o esforço da mesma em se reorganizar didaticamente e buscar formas específicas para se fazer entender pelo aluno. Contudo, esta categoria, por ser a mais frequente, evidenciou que por duzentas e setenta e cinco vezes foram registrados esforços desta natureza.

A categoria “participação” foi compreendida como o conjunto das interações presentes na sala de aula que envolvem os alunos. Apesar do termo complexo, a participação supõe ser parte; fazer parte. Assim, quando os alunos são considerados como parte do processo com suas contribuições, visões e proposições, de fato há a participação.

Os momentos de descontração também aparecem para compor o significado do termo participação. Esta categoria também diz respeito aos episódios de confronto, pois é na garantia do se expressar que surgem as divergências naturais de nossa composição. Na medida em que os alunos se expressam e sentem que são ouvidos há aparente sensação de bem-estar, caracterizada por sorrisos e posturas relaxadas.

Esta categoria se configura em uma ação primordial no processo de ensino e aprendizagem. A categoria exposta acima foi atrelada a ações nas quais os alunos tinham liberdade e autonomia para se expressarem e

interagirem com o conteúdo, com o professor, ou uns com outros nas atividades propostas. O trecho escolhido para expressar melhor esta categoria segue abaixo:

Aluno 15: Aquela obra do maracanã começou com um valor e depois teve que ser aditada duas ou três vezes? / Professora Rose: Mas isso não tem nada a ver com o RDC. / Aluno 15: a aula é maravilhosa, mas está muito distante... Quem conhece o estádio do Morumbi? Aquilo é uma preciosidade... Mas dizem que não serve. O interesse público tá longe.

Professora Rose: mas a gente está aqui fazendo a nossa parte... Professora Laura: Nós no Tribunal também temos essa angústia... (e comenta). No Japão se tem planos para 50 anos. No Brasil é diferente. Professora Rose cruza os braços e as pernas e se encosta na parede ao lado da projeção. / Aluna 17: Uma gestão não dá continuidade à gestão anterior. / Aluno 19: planejamento é só para a eleição. Aluno 19 sai da sala (11:46min.). Retorna (11:48min.). / Aluno 15: A minha palavra não é só criticando. Na Niterói – manilha foi uma obra maravilhosa, mas a “cereja do bolo” ficou em manilha. Foi um “deixa que eu deixo” Rose retoma sua explicação. Ela lê e explica. Se com um projeto básico já acontece isso, imagine com um anti-projeto Alunos 10 e 19 conversam entre si./11:52min: Rose termina sua explanação. Laura pergunta se alguém tem alguma pergunta sobre a RDC. Como os alunos não manifestaram dúvidas, Laura continua. Aluna 3 sai da sala e logo retorna./ Enquanto Laura faz sua explicação, Rose volta a sentar-se e retoma a sua leitura (parece que ela está corrigindo provas). /Rose interrompe a explicação de Laura para explicar o que havia citado na sua explanação. Aluna 21 interage com ela. Laura retoma sua explanação. Aluna 21 sai da sala (12:03min.)./12:04min.: Laura interrompe o curso para o almoço e combina o retorno para as 13hs./Os alunos saem em grupos, conversando. Um aluno faz uma pergunta à Laura. Rose ajuda na resposta ao aluno. Laura diz que vai tentar se informar para melhor responder ao aluno (Blocão de Registro de Campo Curso 1, l. 92, p. 62 – ver apêndices).

O trecho acima demonstra a liberdade que os alunos tinham ao se expressarem e trazerem suas contribuições, mesmo em caráter de confronto. Como categoria de segunda maior frequência, sobre a participação foram registradas duzentas e trinta e quatro ocorrências. Uma curiosidade é que a categoria “participação”, enquanto código, foi computada como de maior frequência. No entanto, quando reunidas às unidades de sentido, em seu novo cômputo, cedeu lugar à categoria retorno do professor. Isto se deve ao fato de que cada unidade de sentido traz consigo a sua frequência e que, somadas, compõem a frequência da categoria.

A categoria “barreiras”, para fins desta análise, se configura como ações que interferem diretamente no desenvolvimento da aula. As conversas, burburinhos e agitações em momentos indevidos foram tomadas como

barreiras à aprendizagem e à participação, pois desvirtuavam a atenção dos alunos nas atividades propostas pelo curso, e tinham por tema assuntos alheios aos abordados na aula. Agrega-se também à categoria, a fim de complementar seu sentido, o descumprimento com os horários, isto é, quando os alunos entravam atrasados nas aulas já iniciadas, saíam mais cedo ou, ainda, entravam e saíam por diversos motivos.

Este fato foi entendido como uma barreira à aprendizagem e à participação, pois, não estando presente em aula, o aluno não participa. As expressões de cansaço, ou até mesmo o fato de o aluno dormir em aula, foram considerados barreiras, assim como sua ausência quando este estava entretido com o uso do celular.

Outro fator associado ao sentido de barreira foi a distração expressa pelos alunos, quando, por exemplo, olhavam para a janela, mexiam na caneta, ou exerciam atividades similares. Ganha espaço nesta combinação de fatores o tempo, visto que era insuficiente em relação ao conteúdo planejado, ocasionando aulas apressadas.

A categoria “barreira” se fez presente por conta dos registros ligados a situações que interferiam diretamente no decorrer do curso. Trazemos um trecho retirado do bloco de registro de campo para exemplificar melhor a categoria:

Laura corta fala de Rose. “Olha só pessoal nós temos muito conteúdo aqui para dar, peço que qualquer dúvida, amanhã, seja tirada com Rose. O volume de conteúdo é muito grande” (Blocão de Registro de Campo Curso 1, l. 139, p. 64 – ver apêndices).

A categoria “interesse” reflete uma postura de empenho às atividades propostas em sala de aula. Com isso, o sentido conferido a esta categoria diz respeito à mobilização; à posturas que expressam disposição e entusiasmo por parte dos alunos, a fim de atender às demandas propostas pelo professor.

Um momento que expressa a categoria de forma clara é o evento exposto a seguir:

O aluno 15 faz uma observação, fala que antes muitas pessoas identificam os ônibus pela cor, mas agora são todos vermelhos. A aluna 2 participa da conversa. /O aluno 14 também participa. O aluno 1 volta para a sala./O aluno 14 comenta algo com o aluno 13, os mesmos sorriem e voltam a prestar atenção na aula. O aluno 6 sai de sala pois o celular tocou- rádio. /10:17h: A professora faz uma proposta, uma dinâmica em grupo. Ela pergunta e

a turma responde, “Como será a cidade que vocês estão construindo? Litorânea? Serrana?”

Alguns falam para ser igual ao Rio. Outros riem.

Na terceira pergunta, sobre qual seria o ponto forte, ela nem precisa dar opções, mas cada um falou uma coisa, depois de entrarem num consenso, decidiram pelo “Turismo”. /Professora: “Qual vai ser o nome?”

Turma: “Sonho”; “Ilusão”; Algum aluno, “Ilusópolis”.

Todos riram. /Após a construção da cidade, tiveram que escolher um Prefeito, alguém entre eles. Alguém falou “Adriano (22)”, o mesmo falou que deveria ter uma votação; citaram a Simone (10) que ganhou.

Depois a professora dividiu a sala em “posição” e “oposição”, pediu para alguns alunos mudarem de lugar, pois a oposição devia ser maior.

Enquanto a “posição” conversavam e chegavam a conclusões do que seria feito na cidade, a professora explicou o que a “oposição” deveria fazer.

A professora deu 3min para os grupos chegarem a alguma conclusão. Enquanto o grupo da “oposição” debatia, as alunas 16 e 17 conversavam entre si. /10:32h: Chegou 1 aluno. Ele ficou parado no final da sala e com cara de perdido, a professora pediu que ele fosse para o grupo da “oposição”. /O grupo da “situação” está com a vez da fala, a aluna 10 fala o que vai fazer com o dinheiro que chegou (faz parte da dinâmica). Enquanto a aluna 10 explica o projeto, chegou mais uma aluna. O projeto é: Construir uma estrada com 4 pistas que ligará lugares distantes e só pagará uma tarifa, quase não ocorrerá acidentes e a mesma será bem iluminada.

A “oposição” contra argumenta: “Você está atendendo ao Município vizinho e não ao seu.”/A “posição” fala novamente e a “oposição” fica bem quieta. A professora cutuca: “Oposição, vocês estão muito quietos. Devem argumentar”./Na “oposição” surgiu um grupo que necessitava de escolas. /Ai o prefeito da “oposição” falou que estava com esse grupo, o que gerou risadas./Rose: “Essa oposição está muito desunida”.

A professora Laura agradeceu a turma e deu um intervalo de 10 min. (Blocão de Registro de Campo Curso 1, l. 208, p. 66 – ver apêndices).

O trecho acima revela um momento em que houve bastante entrosamento e entusiasmo por parte dos alunos para com a atividade proposta. Este registro nos chamou a atenção na medida em que captou as relações dinâmicas presentes em meio a elaboração do trabalho e também a motivação gerada pelo mesmo. Como categoria que teve a quarta maior frequência, exemplos como este se repetem em meio aos registros. Este exemplo também evidencia o esforço da professora em propor uma atividade interessante e, também, o retorno dos alunos com uma participação interessada.

A categoria “conteúdo” não reuniu nenhuma unidade de sentido por expressar o que o próprio nome diz, ou seja, todo o conteúdo de matéria trazido para o curso. Faz menção à momentos em que a ênfase estava voltada

para a transmissão do conhecimento. Assim, este momento se atrela a registros desta natureza:

Professora Laura continua falando, gesticulando e andando no espaço entre mesa e lousa.

14:10 – pesquisadora 2 dá pause e novamente o play na câmera. /Professora Laura, senta de lado, lendo os slides. “economicidade – preço de mercado real, onde todos possam lucrar”. “Vamos entender o que é preço de mercado na questão de obra”. Laura mostra tabela com fórmula de contratação vantajosa. “Preço de mercado = custos diretos (despesas diretas necessárias para a realização de uma determinada obra”. Laura, volta slide e explica “gente, BDI é benefício e despesas indiretas “ /Aluno 13 olha novamente para a pesquisadora 2. /Alunas 16 e 17 conversam baixo, se olhando. Laura, continua explicando, falando sobre sistema de custos, alunas 16 e 17 continuam falando. /Aluna 12 pergunta se tem alguma orientação com relação à pesquisa de mercado. /Professora Laura levanta e anda para trás, explicando a diferença de pesquisa de mercado (ampla e documentada). Reforça que tem que ser documentada não pode ser somente por telefone e ampla.

14: 17- Aluna 10 levanta o dedo.

Laura continua explicando.

14:19- aluna continua com dedo levantado, professora Laura anda para trás, continua a falar, explicando slide. Aluna 10 abaixa o dedo e começa a escrever algo em papel na sua mesa. /Prof. Laura “Atenta para o cuidado com a pesquisa de mercado, porque existe dificuldade em instituir um parâmetro”. Laura fala sobre o fato de que todos podem errar e fazer uma pesquisa errada, que a pesquisa de mercado pode ser malfeita ou não estar atualizada (Blocão de Registro de Campo Curso 1, l. 149, p. 64 – ver apêndices).

O exemplo exposto retrata um período cuja intenção se ancora na transmissão do conteúdo proposto para o curso. Podemos supor que, por se tratar de um curso de formação, é esperado que esta categoria esteja em destaque. No entanto, trazemos como reflexão o fato de esta não ocupar a primeira colocação.

Acreditamos que, para além do conteúdo trabalhado, as relações intrínsecas deste ambiente se fizeram maior do que a mera transmissão da informação. A atitude de retorno do professor, a participação, as barreiras e o interesse se sobressaíram nas observações do curso, demonstrando o foco no aluno.

Neste curso, o que nos chamou a atenção foi que a categoria de maior frequência foi “Retorno do Professor”. Isto significa que as professoras se preocuparam, especialmente, em estar disponíveis aos alunos, para o que eles precisassem. Tal atitude, muito provavelmente, favoreceu a participação dos alunos em aula e, com isto, sua aprendizagem.

Uma categoria importante foi “Barreiras”, que teve a terceira maior frequência, talvez pelo fato de os alunos virem de municípios vizinho. Neste curso, o cansaço, a desatenção e os atrasos prevaleceram. Contudo, mesmo influenciados por estes fatores, os alunos mostraram interesse e o conteúdo do curso foi trabalhado.

9.2 CURSO 2: O CUIDADO DO PROFESSOR COM OS ALUNOS

O curso 2, em uma ação de itinerância da Escola de Contas, foi realizado em Duque de Caxias. Teve por tema a “Economicidade em licitações e contratos administrativos - compras e serviços”. Foi ministrado por apenas um professor e contou com a participação de doze alunos, que trabalham na administração direta. O curso teve um total de vinte e quatro horas, divididas em quatro dias.

A sala de aula era ampla, cerca de vinte e quatro metros quadrados, e contava com sistema de ar condicionado bem potente - por vezes os alunos reclamavam da baixa temperatura. A organização da sala era em fileiras com mesas individuais para os alunos. A sala contava com quadro branco, telão para projeção e projetor. A porta se localizava aos fundos na lateral, de modo que, ao entrar, a pessoa via a lateral da turma. A janela ficava na parede oposta à porta e coberta por persianas. O professor se posicionava à frente, em sua mesa, que se localiza na lateral do quadro, em direção oposta a entrada.

A análise do curso 2 originou 20 códigos, a saber: participação, interesse, conteúdo, barreiras, cuidado, estratégia didática, retorno, interação professor/aluno, recursos convite à participação, mobilização, descontração, postura dinâmica/enfática/empolgada, interação aluno/aluno, apresentação/curso/ professor/alunos, confronto / embate, desconforto, incentivo a participação, cobrança e clima de bem-estar.

Segue abaixo a tabela referente ao curso, com os códigos levantados, acompanhados da frequência em que apareceram e, também, suas descrições.

Tabela 08: Levantamento dos códigos frequência e descrições

CURSO: ECONOMICIDADE EM LICITAÇÕES E CONTRATOS ADMINISTRATIVOS COMPRAS E SERVIÇOS PROFESSOR: LUIZ ANTONIO MARCOS ROSE		
CÓDIGOS	FREQUÊNCIA	DESCRIÇÃO
Participação	187	Ação originada do aluno de perguntar, questionar, completar um exemplo ou fala do professor, e participar de maneira ativa no processo de ensino aprendizagem.
Interesse	146	Descrição do comportamento do aluno que demonstra empenho, curiosidade, atenção, vontade de aprender.
Conteúdo	119	Momento em que o professor dá ênfase na transmissão do conhecimento, na matéria proposta para a disciplina.
Barreiras	111	Ação, comportamento, postura ou acontecimento que interfere no desenvolvimento da aula, foi considerado como barreira as conversa paralelas, utilização de celular, cansaço, atraso, saída antecipada, entra e sai, desinteresse, falta de tempo, Desconforto.
Cuidado	85	Ação que demonstra uma atitude de cautela, de preocupação, de sensibilidade por parte do professor.
Estratégia didática	83	De caráter pessoal, por parte do professor, se configura na busca por meios e métodos para alcançar os objetivos propostos.
Retorno	72	Atitude do professor de explicar, comentar ou responder algo levantado pelo aluno, de forma generalizada, para todos.
Interação professor aluno	69	Ação que se faz recíproca entre professor e aluno: comentários/ conversa extra / explicação de forma individualizada.
Recursos	57	Suporte material utilizado em sala de aula no intuito de contribuir para o processo de ensino aprendizagem.
Convite a participação	55	Quando há, por parte do professor, um incentivo / estímulo para que o aluno participe da aula.
Mobilização	40	Atitude dos alunos de se organizarem para alguma atividade ou algum objetivo.
Descontração	37	Momento mais à vontade, caracterizado pela espontaneidade, pela brincadeira e pelo riso. Considera alunos e professores.
Postura dinâmica / enfática empolgada	31	Por parte do professor expressão de animação , vibração, empolgação, entusiasmo.
Interação aluno/ aluno	30	Ato de conversar com o colega, interagir com o outro em período extra aula ou em atividades em grupo.
Apresentação /curso/ professor/alunos	16	Por parte do professor, atitude de se apresentar ou solicitar que os alunos se apresentem.
Confronto / Embate	14	Divergência de pensamento ou não concordância, originando defesa de ponto de vista ou debate
Desconforto	15	Expressão corporal explícita, por parte do aluno, de que não há concordância ou não há tranquilidade.

Incentivo a participação	4	Quando há, por parte do professor, um incentivo / estímulo para que o aluno participe da aula.
Cobrança	4	Por parte do professor de perguntar algo em tom de exigência ou de fato exigir o cumprimento de algo
Clima de bem-estar	3	Expressão explícita de satisfação de harmonia de bem-estar.

Fonte: Dados coletados a partir do bloco de registro de campo

No processo de análise, os códigos com maior frequência, que passaram a ser considerados categorias, foram: cuidado, participação, interesse, barreiras e conteúdo.

Com essas categorias emergentes da análise, os demais códigos foram alocados como unidades de sentido, sendo considerados, pois, como partes de um todo e, também, completarem o sentido das categorias. Sendo assim, apresentamos a segunda tabela deste curso, demonstrando a disposição da nova realocação.

Tabela 09: Organização das unidades de sentido

CATEGORIAS DE ANÁLISE	ENFOQUE	UNIDADES DE SENTIDO	FREQUÊNCIA
Cuidado	Professor	Cuidado: 85; Estratégia didática: 83; Retorno: 72; Interação professor aluno: 69; Recursos: 57; Convite à participação: 55; Descontração: 37; Postura dinâmica/enfática/empolgada: 31; Apresentação curso/professor/alunos: 16; Incentivo à participação: 4; Cobrança: 4; Clima de bem-estar: 3.	516
Participação	Aluno	Confronto Embate: 14; Interação professor aluno: 69; Descontração: 37; Interação aluno/aluno: 30.	337
Interesse	Aluno	Mobilização: 40.	186

Barreiras	Professor /Aluno	Celular: 36; Cansaço: 36; Conversa: 21; Atraso: 8; Saída antecipada: 2; Entra e sai: 2; Desinteresse: 1; Tempo: 5; Desconforto: 15.	126
Conteúdo	Professor		119

Fonte: Dados coletados a partir do bloção de registro de campo

A categoria “cuidado” foi compreendida como uma ação que partia do professor e que demonstrava atenção aos alunos. Ela abrangeu uma série de estratégias didáticas que, ao serem incorporadas a atuação pedagógica, promoviam uma aula mais interessante, com a utilização de recursos didáticos diversos. Para fins desta análise, foi considerada também como cuidado, a constante interação entre professor e aluno, isto porque, quando ocorria tal interação, as partes se envolviam e dialogavam, manifestando uma relação de respeito mútuo.

A apresentação do grupo, assim como a do planejamento pensado para o curso, se configuraram em detalhes que foram propulsores deste diálogo e entrosamento. Nesta categoria, a interação e o retorno também se tornaram indispensáveis, uma vez que o professor se mantinha disponível para sanar as dúvidas ou questionamentos dos alunos. Agrega-se à categoria o convite ao aluno para participar da aula, falar e contribuir de alguma forma. Isto não se restringiu a convidar e a participar, mas também a reforçar e incentivar a participação dos alunos.

A postura do professor também diz muito no processo pedagógico, e o cuidado se associou a uma postura dinâmica, ou seja, quando o professor discursava enfaticamente ou empolgava-se, este comportamento mostrava seu cuidado ao transmitir o conteúdo de uma forma diferenciada. A cobrança também se configurou como uma atitude de cuidado, visto que ela podia expressar a preocupação de um retorno concreto do que foi aprendido pelo aluno.

Abaixo reportaremos uma situação que demonstra um pouco desse cuidado expresso pelo professor:

Continuam os trabalhos, algumas questões surgem, devido às diferenças nas administrações de cada servidor. Professor sempre esclarece as questões que surgem e em voz alta – todos os alunos prestam atenção.
16:30 – Paschoal vem ao professor expor uma dúvida. Há dúvidas sobre as distribuições de funções nas prefeituras e secretarias. O setor de compras, por exemplo, seria de outra secretaria (administração) e não de educação. Paschoal dialoga e demonstra estar refletindo todo o processo e buscando entender a dinâmica do processo e os papéis de cada um. Diante da ansiedade do aluno, que expõe muitas perguntas, professor pede “Guenta” e continua a explicar, com tranquilidade e ênfase (Bloco de Registro de Campo Curso 2, l. 339, p. 71 – ver apêndices).

No trecho acima o professor se mostra solícito aos alunos, tirando suas dúvidas. Essa situação se configurou como cuidado pela preocupação apresentada pelo professor.

A categoria “participação” se apresenta na ação de participar. Diz respeito a um comportamento que é originado do aluno e que pode ser notado na medida em que o mesmo interage tanto com o professor como com seus pares. O relacionamento entre os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem descreve essa participação.

Na composição do sentido dessa categoria, atrela-se, também, o confronto. Por se configurar como uma crítica, o confronto entre aluno e professor denota o quão participativo o aluno foi e o quão à vontade o mesmo esteve a ponto de se pronunciar de forma contrária. Da parte do professor, sua atitude de promover o debate, como reação ao confronto, foi entendida como uma ação de participação. Os momentos de descontração, como parte da categoria participação, foram entendidos como aqueles que traziam leveza e relaxamento para o grupo.

É válido ressaltar que esta categoria obteve a segunda colocação na análise e uma frequência bem alta. O que trazemos para reflexão é o quanto foram consideradas e respeitadas as relações interpessoais. Para mostrar ao leitor os momentos em que as ações como esta se concretizaram, apresentamos abaixo um fragmento retirado do bloco de registro de campo:

Severino participa, com uma colocação, um exemplo no tema. Na fala do professor, aluna Giselle dá um exemplo de uma legislação do TCU, professor concorda. A partir de uma questão da aluna sobre a aceitação do TCE, professor explica que junto ao contrato, ao orçamento, é preciso dar o argumento junto. Aluna ri. Dialogam sobre como é feito e como deve ser feito o procedimento. Professor enfatiza a argumentação. Giselle cita duas legislações que usa nas justificativas, demonstrando conhecimento. Aluno 6 participa com fala e pergunta. Professor responde e cita um caso trazido pelo aluno Severino. Professor enfatiza a questão da razoabilidade do preço, que “não é questão de senso comum”. Ver no caso concreto se o argumento justifica vantagem. Aluna Giselle busca na internet uma legislação, passa ao professor que diz para a turma anotar, se quiser. Aluna 7 fala – Dirlene (questão sobre a legislação - dúvida) (Blocão de Registro de Campo Curso 2, l. 397, p. 73 – ver apêndices).

No trecho acima há diversos momentos em que os alunos interrompem a fala do professor e contribuem com a aula. Os alunos mostraram-se à vontade para complementar o assunto da aula, ou, até mesmo, pesquisar na internet e trazer a pesquisa para a turma. A leitura do comportamento nos fez conferir destaque para a postura do professor que, por sua vez, deu liberdade aos alunos, incentivando-os à participação na medida em que permitiu e valorizou suas explicações.

A categoria “interesse” esteve intrinsecamente atrelada à importância conferida ao assunto da aula. Também abordou a mobilização dos alunos, manifestada por comportamentos de aceitação e boa vontade em cumprir o que foi proposto pelo professor, além de ações de preocupação na execução do que se pretendia alcançar. Um exemplo que retrata melhor esta categoria encontra-se no fragmento abaixo:

10:03 – Aluno Lucas faz anotações. Benanci também. Os demais, atentos ao professor, com o olhar direcionado ao quadro onde faz explicações. Gabrielle também faz explicações. Professor olha em minha direção ao longo da explicação. Benanci complementa um item da explicação, demonstrando acompanhar a mesma e estar compreendendo. Faz movimentos alternativos com a cabeça. Professor fala enfaticamente na explicação. Cita o trabalho prático que dará aos alunos e que eles farão “fluir” o processo que está apresentando (Blocão de Registro de Campo Curso 2, l. 490, p. 75 – ver apêndices).

No trecho reportado acima os alunos aparecem concentrados e atentos ao que está sendo transmitido pelo professor. Percebemos a preocupação em se manter atentos ao que está sendo dito.

A categoria “barreiras” coleciona ações que se tornaram empecilhos no processo de ensino e aprendizagem, isto é, ações que, de alguma forma, se colocaram entre o aluno e o conhecimento. Para fins dessa análise, foram consideradas barreiras as conversas em momentos importunos e também o uso de celular durante a aula.

Outro fator que se apresentou como barreira foi o descumprimento com os horários estipulados, bem como as saídas antecipadas e as entradas e saídas excessivas. Dentre fatores pessoais que se apresentaram como barreiras estão o cansaço, o desinteresse e o desconforto por parte dos alunos. Trazemos abaixo um recorte de uma situação em que pudemos observar barreiras à participação e à aprendizagem.

Mas conforme o celular do aluno 5 toca, ele verifica. O professor dá dicas para o grupo de Compras que aproveita para tirar dúvidas. O Gestor mexe no celular. Os alunos 12, 14 e 15 prestam atenção no professor. A aluna 24 mexe no celular. Os alunos 11 e 13 falam sobre o trabalho. O aluno 13 sai de sala em seguida. O aluno 11 mexe no celular. Os alunos 5 e 9 conversam aleatoriamente. Os alunos 11 e 24 conversam (Blocão de Registro de Campo Curso 2, l. 525, p. 77 – ver apêndices).

A categoria “conteúdo” foi compreendida como os momentos em que o enfoque no conteúdo se deu de forma mais intensa. Os esforços do professor estavam voltados para a matéria a ser dada. Neste curso, assim como no anterior, esta categoria não recebeu unidades de sentido, pois no processo de alocação dos códigos não houve um que o complementasse.

Neste curso, o que nos chamou a atenção foi o fato de a categoria de maior frequência ter sido “cuidado”. Esta categoria se refere diretamente ao professor e sua atitude com os alunos. Isto significa que este professor se mostrou extremamente cuidadoso com seus alunos, preocupando-se com seus processos de aprendizagem.

Por outro lado, a categoria que teve a segunda maior frequência foi “participação”. Isto demonstra que o cuidado, por parte do professor, favoreceu

a participação dos alunos. À vontade, os alunos se interessaram mais pela aula e, apesar de algumas barreiras, o conteúdo do curso foi trabalhado.

9.3 CURSO 3: AS BARREIRAS DA SALA DE AULA

O curso 3 foi o único registrado que foi realizado na Escola de Contas e Gestão. Teve por tema o “Controle Interno - Gerenciamento de riscos na Administração Pública”. Foi ministrado por apenas um professor que, diferente dos outros participantes, tem baixa visão. O curso teve um total de 36 horas aulas, divididas em quatro dias, e contou com a participação de cinquenta e quatro alunos que atuam na área proposta pelo curso.

A sala dispunha de cerca de 36 metros quadrados, o que não pareceu ser suficiente para a quantidade de alunos presentes. A sala de aula era equipada por quadro, projetor para exibição de slides e vídeos, cadeiras individuais para os alunos, mesa do professor. Esta se localizava na lateral, à frente da sala. A porta de entrada ficava nos fundos, de modo que, quando algum aluno chegava, tinha a visão da turma de costas.

O curso 3 originou 19 códigos, sendo eles: barreiras, participação, conteúdo, interação professor/aluno, apresentação do curso / alunos/professor, estratégia didática, apoio ao professor, retorno professor, interação aluno/aluno, cuidado, convite à participação, interesse, descontração, mobilização, desconforto, recurso, incentivo à participação, cobrança e postura motivadora dinâmica.

Segue abaixo a tabela referente ao trabalho de análise deste curso, com os códigos levantados, suas descrições e frequência com que ocorreram.

Tabela 10: Levantamento dos códigos, frequência e descrições

CURSO: CONTROLE INTERNO - GERENCIAMENTO DE RISCOS NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA		
PROFESSOR:		
CÓDIGOS	FREQUÊNCIA	DESCRIÇÃO

Barreiras	413	Ação, comportamento, postura ou acontecimento que interfere no desenvolvimento da aula, foi considerado como barreira as conversas paralelas, a utilização do celular em período de aula, atraso, saída antecipada, cansaço, distração, entra e sai, pressa em ir embora, duvida/ dificuldade, desinteresse
Participação	162	Ação originada do aluno de perguntar, questionar, completar um exemplo ou fala do professor, e participar de maneira ativa no processo de ensino aprendizagem.
Conteúdo	88	Momento em que o professor dá ênfase na transmissão do conhecimento, na matéria proposta para a disciplina.
Interação professor aluno	84	Ação que se faz recíproca entre professor e aluno: comentários/ conversa extra / explicação de forma individualizada.
Apresentação do curso / alunos/ professor	82	Por parte do professor, atitude de se apresentar, apresentar o curso, solicitar que os alunos se apresentem.
Estratégia didática	64	De caráter pessoal, por parte do professor, se configura na busca por meios e métodos para alcançar os objetivos propostos.
Apoio ao professor	54	Suporte/auxílio ao professor por parte dos alunos
Retorno professor	48	Atitude do professor de explicar, comentar ou responder algo levantado pelo aluno, de forma generalizada, para todos.
Interação Aluno/Aluno	46	Ato de conversar com o colega, interagir com o outro em período extra aula ou em atividades em grupo.
Cuidado	40	Ação que demonstra uma atitude de cautela, de preocupação, de sensibilidade por parte do professor.
Convite á participação	38	Quando há, por parte do professor, um incentivo / estímulo para que o aluno participe da aula.
Interesse	34	Descrição do comportamento do aluno que demonstra empenho, curiosidade, atenção, vontade de aprender.

Descontração	26	Momento mais à vontade, caracterizado pela espontaneidade, pela brincadeira e pelo riso. Considera alunos e professores.
Mobilização	25	Atitude dos alunos de se organizarem para alguma atividade ou algum objetivo.
Desconforto	23	Expressão corporal explícita, por parte do aluno, de que não há concordância ou não há tranquilidade.
Recurso	19	Suporte material utilizado em sala de aula no intuito de contribuir para o processo de ensino aprendizagem.
Incentivo a participação	12	Quando há, por parte do professor, um incentivo / estímulo para que o aluno participe da aula.
Cobrança	8	Por parte do professor de perguntar algo em tom de exigência ou de fato exigir o cumprimento de algo
Postura motivadora dinâmica	2	Por parte do professor expressão de animação, vibração, empolgação, entusiasmo.

Fonte: Dados coletados a partir do bloco de registro de campo

No processo de análise, os códigos mais frequentes, que se transformaram em categorias, foram: Barreiras, Estratégia Didática, Participação, Interação Professor/Aluno, Conteúdo.

Segue abaixo a tabela 11. Ressaltamos que, como no curso 1, as categorias foram reorganizadas na medida em que as unidades de sentido foram alocadas.

Tabela 11 - Organização das unidades de sentido

CATEGORIAS DE ANÁLISE	ENFOQUE	UNIDADES DE SENTIDO	FREQUÊNCIA
Barreiras	Aluno	Conversa 176 celular 102 atraso 48 saída antecipada 42 cansaço 23 distração 7 entra e sai 6 pressa de ir embora 4 duvida/ dificuldade 3 desinteresse 2 Desconforto 23	436
Estratégia didática	Professor	Apresentação do curso / alunos/ professor 82 Apoio ao professor 54 Retorno professor 48 Cuidado 40 Convite á participação 38	367

		Recurso 19 Incentivo a participação 12 Cobrança 8 Postura motivadora dinâmica 2	
Participação	Aluno	Interação Aluno/Aluno 46 Interesse 34 Mobilização 25	267
Interação professor aluno	Professor/aluno	Descontração 26	110
Conteúdo	Professor		88

Fonte: Dados coletados a partir do bloção de registro de campo

A categoria “barreiras”, assim como nos cursos anteriores, fez referência às conversas entre alunos, ao uso do celular durante a aula, ao atraso e às saídas dos alunos fora de hora. O cansaço manifestado pelos alunos também foi considerado uma barreira à sua participação e aprendizagem. Outros comportamentos, como distração demonstrada pelo olhar ou comportamentos repetitivos, como bater a caneta na mesa como forma de entretenimento também foram incluídos nesta categoria.

As manifestações de dificuldade para entender o conteúdo ministrado também foi considerada uma barreira, assim como o desinteresse demonstrado pelos alunos quando pareciam não acompanhar a aula. As manifestações de desconforto, por parte dos alunos, observadas no seu reposicionamento na carteira, também compuseram esta categoria. O evento a seguir reporta uma das ações consideradas como barreiras.

Os alunos 48 e 49, voltam a conversar. Os alunos 12 e 13 conversam./As alunas 6 e 7 também conversam.

Enquanto do outro lado cada hora um aluno está com a palavra. / Algum aluno pediu silêncio “Xiuuuu”

O burburinho estava alto, o professor pediu para prestarem atenção no que a colega estava falando. A turma ficou quieta, prestando atenção, menos as alunas 6 e 7 (Bloção de Registro de Campo Curso 3, l. 557, p. 78 – ver apêndices).

Constantes conversas paralelas ao mesmo tempo em que o professor ou os alunos tentam desenvolver o planejamento proposto para o curso se configuraram barreiras. No exemplo acima, por diversas vezes, foi relatada a conversa paralela dos alunos. Em determinado momento outro aluno chegou a

solicitar silêncio e, logo em seguida, o pesquisador relata que as conversas se faziam em alto som. As barreiras, de fato, expressam ocorridos como este, quando uma situação impede ou dificulta a concentração e o aprendizado, não só daqueles que praticam a ação, mas também dos demais alunos.

A segunda categoria do curso que teve maior frequência foi a “estratégia didática”. Neste curso, a prática do professor nos chamou a atenção. Com uma turma numerosa, este priorizou a apresentação do curso, dos alunos e seu acolhimento. Este foi um curso em que os alunos atuaram como ajudantes do professor, apoiando-o nas suas tarefas como o auxílio às leituras dos slides. Por sua vez, o professor mantinha uma atitude de disponibilidade aos alunos, retornando a estes sempre que solicitado.

Outra característica importante desta categoria foi a prática do professor em convidar os alunos à participarem da aula, incentivando frequentemente tal atitude. Neste curso, o professor se utilizou do recurso visual, com o auxílio do projetor e de trabalhos em grupos. Apesar de mostrar uma postura motivadora e dinâmica, o professor também cobrava dos alunos a participação. Trazemos um trecho de uma das ações que foram propulsoras para a formulação desta categoria.

16:05min Carlos convida os alunos a reunirem-se em 6 grupos de 8 participantes para discutir os exercícios que fizeram. Depois eles elegerão apenas um exercício (modificado ou não) para ser entregue com o nome de todos. Carlos: Agora é que é a interação! Os alunos se arrumam em grupos e começam as discussões (Blocão de Registro de Campo Curso 3, l. 601, p. 79 – ver apêndices).

Acima, vemos o esforço por parte do professor em criar uma situação em que há o favorecimento do debate, da troca de informações e da construção do conhecimento. As estratégias pensadas, a fim de se configurarem ferramentas pedagógicas para facilitar o aprendizado, se encaixam nesta categoria.

A categoria “participação” têm, assim como nos cursos anteriores, o sentido de fazer parte, de interagir ativamente. Neste curso, para complementar o sentido, a participação expressa-se também como o conjunto das interações entre os alunos, uma vez que esta interação está em consonância com os objetivos propostos para o curso. Esta interação entre

alunos se constitui quando os alunos tiraram a dúvida uns dos outros, ou quando, em meio a uma atividade pedagógica, havia o diálogo na tentativa de esclarecer alguma questão.

O interesse também compõe as ações que expressam a participação. Isto porque se expressa como a vontade de fazer parte, de aprender, disposição para. Por isso, quando percebemos o interesse, se configura a participação. A mobilização também está atrelada a esta categoria e suas unidades de sentido. Ela sucede à anterior e se traduz na iniciativa e trabalho prático do que se quer realizar. Abaixo segue um momento em que podemos perceber, na prática, o que se configura participação para este curso.

A aluna 18 pede a palavra. Enquanto ela falava, uma outra aluna interagiu rapidamente. A aluna 7 pontua outro aspecto que a aluna 18 complementa.

10:16h - A palavra está com o professor agora (Blocão de Registro de Campo Curso 3, l. 643, p. 80 – ver apêndices).

Este pequeno fragmento, retirado do bloco de registro de campo, expressa um momento em que as alunas se encontram livres para trazer suas contribuições. Neste evento, as alunas falam e uma complementa a fala da outra, em uma ação de fazer parte do que está acontecendo.

A categoria “interação professor/aluno” está associada ao relacionamento entre o professor e a turma. Esta categoria abrange as frequentes comunicações que se fizeram ao longo do curso, e que tinham naturezas diversas. Elas expressavam o ato de tirar dúvidas relativas ao conteúdo, ou tão somente uma conversa informal. Dito de outra forma, tudo que colocasse o professor em contato direto com o aluno era considerado interação.

As posturas descontraídas também entraram para compor esta categoria, as brincadeiras coletivas com um tema referente a aula ou “zoações” respeitadas com relação ao cotidiano. O exemplo abaixo busca trazer um momento em que houve algum desses comportamentos de relacionamento direto com os alunos.

Carlos orienta o aluno 3 (grupo 1) enquanto as alunas (Erica e colega) continuam rindo animadamente.

Carlos vai para o grupo 3 explicar a diferença de análise e avaliação. Segue para o grupo 4. Um aluno diz: nós ouvimos! (Se referindo à explicação dada ao grupo 3) mas Carlos explica novamente. Carlos retorna ao grupo 1 e puxa conversa: Hoje acaba o inverno. A aluna diz: a primavera começa no dia 22. O aluno (bombeiro, do grupo 1) puxa conversa com as alunas Erica e colega. Elas riem muito. O grupo 1 negocia quem vai escrever na folha que será entregue. Qual a pessoa de melhor letra. Carlos retorna ao grupo 1 e tira a dúvida do aluno bombeiro (Blocão de Registro de Campo Curso 3, l. 671, p. 81 – ver apêndices).

No exemplo acima vemos a dinâmica do professor em meio a aula. O mesmo, ao passar uma atividade, passeia pela sala interagindo, explicando e percebendo se algum grupo apresentava dificuldade. Esta ação por parte do professor foi de extrema sensibilidade, pois demonstrou o quão interessado e preocupado estava com a situação de aprendizagem dos alunos.

A categoria “conteúdo”, emergente também nos cursos anteriores, faz menção às vezes em que o enfoque estava voltado para a matéria, isto é, diz respeito à transferência de conhecimento. Pode-se configurar pelas explanações e explicações sobre determinado conteúdo, leituras dos slides, e também leitura de livros, apostilas e legislações.

O que nos chamou a atenção neste curso foi que a categoria de maior frequência foi “Barreiras”. Isso nos levou a crer que o tamanho da sala, em relação ao número de alunos, não foi suficiente e isso dificultou a aprendizagem dos mesmos.

Outros fatores também podem ter influenciado para o enfoque desta categoria, até mesmo a baixa visão do professor. Contudo, a segunda categoria foi “Estratégia Didática”, o que nos mostra uma tentativa do professor em driblar esta e outras questões pertinentes ao universo da sala de aula. As categorias seguintes foram: Participação, Interação e Conteúdo. Isto mostra que, mesmo dispersos, os alunos participaram e interagiram, uns com os outros e com o professor. E que, ainda, o conteúdo planejado foi trabalhado.

9.4 É POSSÍVEL MODIFICAR A PRÁTICA DE PROFESSORES PARA UMA ATUAÇÃO MAIS INCLUSIVA

Este trabalho se propôs a verificar, por meio da análise de conteúdo, os possíveis impactos do curso de formação (etapa um) e das oficinas de inclusão (etapa dois) nos cursos observados. Este capítulo se destina a discutir sobre tais impactos e como os mesmos foram percebidos.

O curso de formação - etapa um da pesquisa IAP - se destinou a sensibilizar os profissionais, que dele participaram, aos princípios da inclusão. Esta etapa foi propulsora da etapa subsequente, que, por sua vez, se destinou a propor oficinas nas quais os professores poderiam revisar seus planejamentos e programas de curso, e, alcançados pelos princípios da inclusão, reformulá-los.

Este movimento se deu e, com base nele, a pesquisa IAP teve a sensibilidade de buscar saber, por meio deste estudo monográfico, se sua atuação com as etapas um e dois apresentou resultados. Com isso, a pesquisa de campo e coleta de dados permitiram que esta análise fosse possibilitada. A análise dos cursos buscou trazer ao leitor o desenvolvimento de uma análise de conteúdo. O intuito foi responder às questões centrais desta metodologia: Quem diz o quê, a quem, como, com que efeito e por quê?

Buscando mostrar o alcance da atuação do processo de formação realizado pela pesquisa IAP, apresentamos abaixo a fala de uma das professoras que participou da formação e que, para esta análise, foi observada:

A professora Laura se dirige a mim e diz que a ideia da dinâmica – Cidade – foi tirada do exercício cidade da inclusão realizado no curso Inclusão na Administração Pública (Bocão de Registro de Campo 1, l. 300, p. 69 – ver apêndices).

No trecho acima a professora cita onde se inspirou para o desenvolvimento da proposta trazida por ela. Esta fala aponta o alcance do processo de formação e nos remete a pensar o quão o mesmo é proveitoso para a formação pedagógica, uma vez que foi adotado em um curso que teve como destaque a categoria “retorno do professor” e, subsequente, a “participação”.

Os cursos observados nos chamaram a atenção porque em nenhum curso a categoria “conteúdo” obteve maior frequência. Isso nos possibilita

inferir que as interações humanas se fizeram maiores do que uma prática conteudista.

Quando nos referimos às interações humanas, estamos nos remetendo às categorias que ganharam destaque, como participação, retorno do professor e, até mesmo, barreiras. Tais categorias refletem o quanto as pessoas influenciam no contexto da sala de aula, tanto positivamente quanto negativamente. Refletem, ainda, o quanto nossas ações inspiram este espaço.

Percebemos que os professores foram sensibilizados pelos princípios da inclusão, pois isto está refletido nas categorias levantadas, como retorno do professor, cuidado, interesse, participação. Isto demonstra que as atividades da etapa um e dois apresentaram resultados na medida em que percebemos, na atuação desses profissionais, os ideais propagados por ela.

10. CONCLUSÃO

Esta monografia se configurou em uma análise de conteúdo referente a três cursos. Esta análise buscou responder a algumas questões que dizem respeito ao campo e possibilitou a inferência de categorias fundamentais para as contribuições trazidas aqui. Este movimento forneceu subsídios para pensarmos sobre os cursos e as ações neles ocorridas. Com isso, este estudo desvelou o quão cheia de sentidos a sala de aula é, e como a mesma se configura em um universo de situações possíveis e prováveis, modificando a cada sujeito, a cada pessoa que carrega em si a singularidade e a complexidade

Na análise minuciosa de cada curso pudemos mapear os códigos e categorias, de modo que este estudo oportunizou a identificação do ponto de maior evidência de cada curso. No curso 1, essa evidência se configurou na categoria “retorno do professor”, no esforço em auxiliar os alunos. No curso 2, por sua vez, o destaque esteve no cuidado por parte do professor para com os alunos, tirando suas dúvidas e se preocupando com as questões trazidas pelos mesmos. No curso 3, por fim, tivemos a categoria “barreira” se destacando, obrigando o professor a criar estratégias didáticas, como incentivo à participação e trabalho em grupo, no intuito de superá-las.

Em uma análise geral, percebemos que os conteúdos dos cursos cederam lugar às categorias pertinente às relações de caráter pessoal. Este estudo mostrou as diversas faces da sala de aula por meio de diferentes visões. Um dos desafios deste estudo foi conciliar diversos olhares sobre o mesmo cenário e perceber o que acontecia. Mostrou, ainda, que, apesar de, muitas vezes, o professor valer-se de algumas práticas, possivelmente excludentes, estas podem ser modificadas na medida em que ações de sensibilização vão acontecendo.

Tendo em vista que se trata de um curso de Pedagogia, não poderíamos deixar de analisar o papel do professor em sua atuação pedagógica, captando os movimentos presentes em sala de aula. Esta análise gerou impressionantes visões acerca desta atuação e possibilitou reflexões sobre as mudanças

necessárias no cenário da educação atual que demandam mais práticas de inclusão. Quando os professores são sensibilizados para os princípios da inclusão, o que percebemos é que o conteúdo deixa de ser prioridade, sendo o aluno o centro da ação.

Ademais, este estudo mostrou que, independentemente do local e público, e que, por mais diverso que este seja, há formas de garantir uma atuação mais participativa em prol do cumprimento dos objetivos propostos.

Os resultados deste estudo possibilitaram a formação dos grupos focais (etapa 4), os quais, por meio das situações levantadas, ajudaram os profissionais a pensarem sobre sua atuação, tanto reforçando os pontos positivos como promovendo debates acerca de possíveis mudanças para as situações que fugiram do planejado. Acreditamos que este movimento precisa ser cultivado, seja em qualquer espaço ou instituição que se proponha a pensar educação.

Acreditamos, por fim, que a propagação de experiências como esta contribuem para a construção de uma educação pautada no respeito mútuo entre professores e alunos e, também, para a qualidade da educação, tão debatida. Assim, esta experiência se apresentou como o início de uma jornada de pesquisa que esperamos ser aprimorada nos próximos estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Index para a inclusão: desenvolvendo a aprendizagem e a participação nas escolas**. CSIE, 2011.

Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988

BRASIL. Decreto nº 5.707, de 23 de fevereiro de 2006. Institui a Política e as Diretrizes para o Desenvolvimento de Pessoal da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, e regulamenta dispositivos da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, 23 de fevereiro de 2006.

GODOY, A. S. **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 2, Mar./Abr. 1995B, p. 57-63.

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/educacao-superior/escolas-de-governo> acesso em 23/01/2016 às 15:59

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, Mônica Pereira dos. **Dialogando sobre Inclusão em Educação: contando casos (e descasos)**. Curitiba: CRV, 2013.

Yin, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre : Bookman, 2001.

YIN. R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3ª ed., Porto Alegre: Bookman, 2005

APÊNDICES

APÊNDICE 1: BLOCÃO DE REGISTRO DE CAMPO CURSO 1

1 **Rio de Janeiro, 03 de setembro de 2015 - Escola Fazendária RJ**
2 **Curso ECG – Economicidade em Licitações e Contratos da Administração**
3 **Pública – Obras e Serviços de Engenharia turno tarde.**
4 **Evento: Retorno do professor**
5 16:00 - A professora exclamou que os alunos foram rápidos. Disse que o outro
6 que era mais fácil, foi mais demorado. Alguns alunos afirmaram que este último
7 foi (bem) mais fácil.
8 Professora falou (baixo) que não vai nem pra Niterói agora.
9 Aluno pergunta se precisa assinar algo, professora diz que não.
10 Alunos concluintes vão se retirando, agradecendo à professora.
11 Aluno A24 ainda pede auxílio à professora, que, em seu computador, o explica
12 sua dúvida.
13 Funcionária da Escola Fazendária pede à professora que assine alguns papéis.
14 A21 entrega seu exercício e afirma que foi fácil. Diz que deixará salvo um
15 trabalho que fez no computador e professora o elogiou.
16 A22 agradece à professora “Até o próximo curso!”
17 Professora observa que alguns alunos não assinaram a presença. Alguns deles
18 já foram embora.
19 A16 pergunta se deve desligar o computador ou deixa-lo assim. Professora
20 pergunta como foi ontem e diz para repetir (deixar ligado).
21 A16 e A17 saem. A16 ainda deixando orientações para A15, para que não
22 esqueça um detalhe.
23 A15 mostra seu exercício à professora e pede que ela não o olhe agora,
24 brincando. Pergunta se pode pedir aumento em seu trabalho, por ter feito o
25 curso, também brincando. Os demais vão saindo e agradecendo à professora.
26 O único a permanecer na sala é A24 (Antonio Felix), um senhor moreno com
27 cabelos grisalhos, mostrando, com simplicidade, sua dificuldade. A professora
28 pergunta se ele trabalha com orçamento e diz que os colegas que já estão
29 acostumados tiveram dificuldades... O aluno demonstra estar desistindo da
30 atividade, professora diz que não, vai explica-lo (e o incentiva a concluir). Ele
31 demonstra bastante dificuldade, ela vai fazendo junto com o aluno.

32 16:11 – Professora, após explicar detalhes ao aluno, senta-se em seu lugar e o
33 aluno continua a realizar a atividade. Professora mexe em seu celular.

34 Professora mexe nos slides da aula e projeta uma tabela, deixando-a exposta,
35 talvez, no intuito de auxiliar ao aluno com dificuldade.

36 Professora bebe água e observa, silenciosamente o aluno com dificuldade.
37 Neste momento, a sala está muito silenciosa.

38 Ouve-se uma voz, no corredor, perguntando: “Já acabou???” Parece referir-se
39 ao curso.

40 16:17 - Aluno permanece concentrado na resolução do problema. A sala está
41 muito silenciosa.

42 A professora mexe no computador e suas ações no mesmo ainda estão sendo
43 projetadas pelo Datashow.

44 16:18 – Aluno A24 vai até a professora e entrega sua folha de exercício,
45 fazendo uma observação. A professora diz que “pode deixar que a gente olha”,
46 ele agradece, pega suas coisas, se despede e sai.

47 A professora arruma suas coisas e, às 16:20 a aula está encerrada.

48

49 **Rio de Janeiro 02/09/2015 - Curso Economicidade em Obras Públicas e**
50 **Serviços de Engenharia - Escola Fazendária**

51 **Evento: participação**

52 Os alunos saem e numa mesa está disposto café, água e biscoitos (wafle de
53 morango e bolinha de queijo (Piraquê). Todos se servem e conversam em
54 grupos.

55 A professora Laura se dirige a mim e diz que a ideia da dinâmica – Cidade – foi
56 tirada do exercício cidade da inclusão realizado no curso Inclusão na
57 Administração Pública.

58 No retorno a aluna 10 diz não ter recebido a apostila por e-mail. Diz: Deve ter
59 ficado no meu lixo cibernético. A professora diz: Tia Clarinha vai ver pra vc! E
60 pede que a professora Rose vá lá fora e ligue para a ECG e solicite que envie a
61 apostila por e-mail.

62 11:00hs – Rose vai e retorna pedindo à Laura o telefone da ECG. Laura pára a
63 sua explicação e oferece o telefone para Rose ligar. Rose sai e Laura retoma a
64 aula.

65 Os alunos permanecem atentos à explicação da professora.

66 Aluno 20 pergunta sobre a funcionalidade. Aluno 18 também pergunta sobre a

67 manutenção do ar condicionado.

68 Rose retorna e interrompe a Laura novamente. Ela diz que dois dos alunos

69 estão em uma pauta especial. Dois estão e dois não estão. Pediu que os

70 alunos entrem em contato com a Escola para receberem a apostila.

71 Laura retoma.

72 11:09min - aluno 18 sai da sala.

73 Aluno 15: Porque existe tanta burocracia, mesmo quando é visto que foi feito

74 alguma coisa errada. A cidade do Pan que afundou?

75 Aluno 14: Isso aí tem envolvimento de seguro também. De chamar a

76 seguradora.

77 Professora: A falta de planejamento faz tudo ocorrer em cima da hora.

78 Aluna 15: Como é que não foi feito teste antes?

79 Professora: Na hora de escolher a obra não escolheram o lugar ideal.

80 Aluno 22: Interesse político.

81 Aluna 10: A escolha é tão engraçada que as vezes eles descobrem que é um

82 campo minado.

83 11:15min. Rose vai falar sobre as licitações no Brasil. Laura se senta e Rose se

84 levanta. Rose lê a apresentação e a explica aos alunos. Os alunos copiam.

85 Aluno 15 boceja. Demais alunos anotam e permanecem atentos à explicação.

86 11:30min: Aluna 10 comenta. Rose continua.

87 Os alunos continuam atentos e anotando.

88 Aluno 15 sai da sala. Aluno 22 mexe as pernas. Outros alunos se acomodam

89 nas cadeiras. Aluno 15 retorna. Os alunos olham para a apostila e para a

90 projeção.

91 Aluno 15: Aquela obra do maracanã começou com um valor e depois teve que

92 ser aditada duas ou três vezes?

93 Professora Rose: Mas isso não tem nada a ver com o RDC.

94 Aluno 15: a aula é maravilhosa mas está muito distante... Quem conhece o

95 estádio do Morumbi? Aquilo é uma preciosidade... Mas dizem que não serve.

96 O interesse público tá longe.

97 Professora Rose: mas a gente está aqui fazendo a nossa parte...

198 Professora Laura: Nós no Tribunal também temos essa angústia... (e comenta).
199 No Japão se tem planos para 50 anos. No Brasil é diferente. Professora Rose
200 cruza os braços e as pernas e se encosta na parede ao lado da projeção.
201 Aluna 17: Uma gestão não dá continuidade à gestão anterior.
202 Aluno 19: planejamento é só para a eleição. Aluno 19 sai da sala (11:46min.).
203 Retorna (11:48min.).
204 Aluno 15: A minha palavra não é só criticando. Na Niterói – manilha foi uma
205 obra maravilhosa mas a “cereja do bolo” ficou em manilha. Foi um “deixa que
206 eu deixo”.
207 Rose retoma sua explicação. Ela lê e explica. Se com um projeto básico já
208 acontece isso, imagine com um anti projeto?
209 Alunos 10 e 19 conversam entre si.
210 11:52min: Rose termina sua explanação. Laura pergunta se alguém tem
211 alguma pergunta sobre a RDC. Como os alunos não manifestaram dúvidas,
212 Laura continua.
213 Aluna 3 sai da sala e logo retorna.
214 Enquanto Laura faz sua explicação, Rose volta a sentar-se e retoma a sua
215 leitura (parece que ela está corrigindo provas).
216 Rose interrompe a explicação de Laura para explicar o que havia citado na sua
217 explanação. Aluna 21 interage com ela. Laura retoma sua explanação.
218 Aluna 21 sai da sala (12:03min.).
219 12:04min.: Laura interrompe o curso para o almoço e combina o retorno para
220 as 13hs.
221 Os alunos saem em grupos, conversando. Um aluno faz uma pergunta à Laura.
222 Rose ajuda na resposta ao aluno. Laura diz que vai tentar se informar para
223 melhor responder ao aluno.
224 Registro de Campo – Pesquisa IAP – 02/09/2015 – Escola Fazendária – Curso
225 Economicidade em Obras Públicas e Serviços de Engenharia
226
227 **Rio de Janeiro 02/09/2015 - Curso Economicidade em Obras Públicas e**
228 **Serviços de Engenharia - Escola Fazendária**
229 **Evento: Barreiras**

130 Laura olha para Rose, balançando com a cabeça, como se pedisse ou
131 concordasse com que ela falasse.

132 Rose se manifesta novamente, explicando caso explicitado por nº 2.

133 Aluna 17 pinga soro em seus olhos.

134 Auna 2 faz nova pergunta tendo em vista resposta de Rose.

135 Rose continua a falar.

136 Laura corta fala de Rose. “Olha só pessoal nós temos muito conteúdo aqui
137 para dar, peço que qualquer dúvida, amanhã, seja tirada com Rose. “O volume
138 de conteúdo é muito grande”

139 Prof. Laura retoma “Cuidado ao orçar, pois tem gente enchendo de mais com
140 estagiárias, auxiliares, por conta do excesso. O tribunal está pedindo
141 justificativa do funcionário estar ali.”

142 Aluno 13 olha para a pesquisadora 2.

143 Alunos 5 e 6 conversam baixo, parecem comentar fala da professora Laura.

144 Aluno 15 levanta-se e senta, se ajustando.

145 Professora Laura continua falando, gesticulando e andando no espaço entre
146 mesa e lousa.

147 14:10 – pesquisadora 2 dá pause e novamente o play na câmera.

148 Professora Laura, senta de lado, lendo os slides. “economicidade – preço de
149 mercado real, onde todos possam lucrar”. “Vamos entender o que é preço de
150 mercado na questão de obra”. Laura mostra tabela com fórmula de contratação
151 vantajosa. “Preço de mercado = custos diretos (despesas diretas necessárias
152 para a realização de uma determinada obra.” Laura, volta slide e explica
153 “gente, BDI é benefício e despesas indiretas “

154 Aluno 13 olha novamente para a pesquisadora 2.

155 Alunas 16 e 17 conversam baixo, se olhando.

156 Laura, continua explicando, falando sobre sistema de custos, alunas 16 e 17
157 continuam falando.

158 Aluna 12 pergunta se tem alguma orientação com relação à pesquisa de
159 mercado.

160 Professora Laura levanta e anda para trás, explicando a diferença de pesquisa
161 de mercado (ampla e documentada). Reforça que tem que ser documentada
162 não pode ser somente por telefone e ampla.

163 14: 17- Aluna 10 levanta o dedo.
164 Laura continua explicando.
165 14:19- aluna continua com dedo levantado, professora Laura anda para trás,
166 continua a falar, explicando slide. Aluna 10 abaixa o dedo e começa a escrever
167 algo em papel na sua mesa.
168
169 **Rio de Janeiro 02/09/2015 - Curso Economicidade em Obras Públicas e**
170 **Serviços de Engenharia - Escola Fazendária**
171 **Evento: Interesse**
172 09:48h: A professora lança uma pergunta para a turma, somente alguns
173 respondem (6,16,17,19 e 22). O aluno 19 fala sobre a existência de um decreto
174 que diz que deve ser ensinado Políticas Públicas nas escolas fundamentais; O
175 aluno 14 complementa dizendo que por não ser obrigatório isso não acontece.
176 As alunas 16 e 17 não param de conversar.
177 A professora desliga a luz da frente, da parte do quadro, para ficar melhor para
178 eles lerem o que está sendo projetado.
179 O aluno 1 rói a unha.
180 As alunas 16 e 17 conversam.
181 O aluno 15 coça a cabeça.
182 O aluno 27 olha para as meninas franzindo a testa, vira para frente
183 normalmente e escreve algo.
184 Os alunos 19, 21, 22 e 23 estão todos com os braços cruzados.
185 O aluno 15 diz “Não gosto dessa palavra, vantajosa, pois parece que sempre
186 alguém saiu prejudicado”.
187 A aluna 10 levanta o dedo e a professora passa a fala para ela, os demais
188 viram para prestar atenção na mesma, menos as alunas 16 e 17 que voltam a
189 conversar. Quando a aluna termina a fala, a professora acrescenta o que sabe
190 a respeito.
191 Os alunos 6 e 7 falam algo um com o outro e sorriem.
192 10:05h: Levanto o rosto para voltar a observar e noto que o aluno 7 está
193 olhando para mim, fico sem graça e abaixo a cabeça novamente.
194 “Tem advogado aí?”, pergunta a professora.
195 A aluna 10 levanta a mão.

196 O aluno 1 levanta e sai da sala.
197 As alunas 21 e 23 escrevem.
198 As alunas 16 e 17 conversam, mas dessa vez num tom mais baixo. Depois
199 prestam atenção na professora.
200 A aluna 17 tira o casaco. Depois de 1min volta a conversar e rir.
201 A aluna 3 amarra o cabelo fazendo um coque.
202 O aluno 27 morde a caneta e depois apoia a cabeça sobre a mão. Respira
203 fundo e senta ereto.
204 O aluno 15 faz uma observação, fala que antes muitas pessoas identificam os
205 ônibus pela cor, mas agora são todos vermelhos.
206 A aluna 2 participa da conversa.
207 O aluno 14 também participa.
208 O aluno 1 volta para a sala.
209 O aluno 14 comenta algo com o aluno 13, os mesmos sorriem e voltam a
210 prestar atenção na aula.
211 O aluno 6 sai de sala pois o celular tocou- rádio.
212 10:17h: A professora faz uma proposta, uma dinâmica em grupo. Ela pergunta
213 e a turma responde, “Como será a cidade que vocês estão construindo?
214 Litorânea? Serrana?”
215 Alguns falam para ser igual ao Rio. Outros riem.
216 Na terceira pergunta, sobre qual seria o ponto forte, ela nem precisa dar
217 opções, mas cada um falou uma coisa, depois de entrarem num consenso,
218 decidiram pelo “Turismo”.
219 Professora: “Qual vai ser o nome?”
220 Turma: “Sonho”; “Ilusão”; Algum aluno, “Ilusópolis”.
221 Todos riram.
222 Após a construção da cidade, tiveram que escolher um Prefeito, alguém entre
223 eles. Alguém falou “Adriano (22)”, o mesmo falou que deveria ter uma votação;
224 citaram a Simone (10) que ganhou.
225 Depois a professora dividiu a sala em “posição” e “oposição”, pediu para alguns
226 alunos mudarem de lugar, pois a oposição devia ser maior.
227 Enquanto a “posição” conversavam e chegavam a conclusões do que seria
228 feito na cidade, a professora explicou o que a “oposição” deveria fazer.

229 A professora deu 3min para os grupos chegarem a alguma conclusão.
230 Enquanto o grupo da “oposição” debatia, as alunas 16 e 17 conversavam entre
231 si.
232 10:32h: Chegou 1 aluno. Ele ficou parado no final da sala e com cara de
233 perdido, a professora pediu que ele fosse para o grupo da “oposição”.
234 O grupo da “posição” está com a vez da fala, a aluna 10 fala o que vai fazer
235 com o dinheiro que chegou (faz parte da dinâmica). Enquanto a aluna 10
236 explica o projeto, chegou mais 1 aluna. O projeto é: Construir uma estrada com
237 4 pistas que ligará lugares distantes e só pagará uma tarifa, quase não
238 ocorrerá acidentes e a mesma será bem iluminada.
239 A “oposição” contra argumenta: “Você está atendendo ao Município vizinho e
240 não ao seu.”.
241 A “posição” fala novamente e a “oposição” fica bem quieta. A professora
242 cutuca: “Oposição, vocês estão muito quietos. Devem argumentar”.
243 Na “oposição” surgiu um grupo que necessitava de escolas.
244 Aí o prefeito da “oposição” falou que estava com esse grupo, o que gerou
245 risadas.
246 Rose: “Essa oposição está muito desunida”.
247 A professora Laura agradeceu a turma e deu um intervalo de 10 min.

248

249 **Rio de Janeiro 02/09/2015 - Curso Economicidade em Obras Públicas e**
250 **Serviços de Engenharia - Escola Fazendária**

251 **Evento: Conteúdo**

252 Laura olha para Rose, balançando com a cabeça, como se pedisse ou
253 concordasse com que ela falasse.
254 Rose se manifesta novamente, explicando caso explicitado por nº 2.
255 Aluna 17 pinga soro em seus olhos.
256 Auna 2 faz nova pergunta tendo em vista resposta de Rose.
257 Rose continua a falar.
258 Laura corta fala de Rose. “Olha só pessoal nós temos muito conteúdo aqui
259 para dar, peço que qualquer dúvida, amanhã, seja tirada com Rose. “O volume
260 de conteúdo é muito grande”

261 Prof. Laura retoma “Cuidado ao orçar, pois tem gente enchendo de mais com
262 estagiárias, auxiliares, por conta do excesso. O tribunal está pedindo
263 justificativa do funcionário estar ali.”

264 Aluno 13 olha para a pesquisadora 2.

265 Alunos 5 e 6 conversam baixo, parecem comentar fala da professora Laura.

266 Aluno 15 levanta-se e senta, se ajeitando.

267 Professora Laura continua falando, gesticulando e andando no espaço entre
268 mesa e lousa.

269 14:10 – pesquisadora 2 dá pause e novamente o play na câmera.

270 Professora Laura, senta de lado, lendo os slides. “economicidade – preço de
271 mercado real, onde todos possam lucrar”. “Vamos entender o que é preço de
272 mercado na questão de obra”. Laura mostra tabela com fórmula de contratação
273 vantajosa. “Preço de mercado = custos diretos (despesas diretas necessárias
274 para a realização de uma determinada obra.” Laura, volta slide e explica
275 “gente, BDI é benefício e despesas indiretas “

276 Aluno 13 olha novamente para a pesquisadora 2.

277 Alunas 16 e 17 conversam baixo, se olhando.

278 Laura, continua explicando, falando sobre sistema de custos, alunas 16 e 17
279 continuam falando.

280 Aluna 12 pergunta se tem alguma orientação com relação à pesquisa de
281 mercado.

282 Professora Laura levanta e anda para trás, explicando a diferença de pesquisa
283 de mercado (ampla e documentada). Reforça que tem que ser documentada
284 não pode ser somente por telefone e ampla.

285 14: 17- Aluna 10 levanta o dedo.

286 Laura continua explicando.

287 14:19- aluna continua com dedo levantado, professora Laura anda para trás,
288 continua a falar, explicando slide. Aluna 10 abaixa o dedo e começa a escrever
289 algo em papel na sua mesa.

290 Prof. Laura “Atenta para o cuidado com a pesquisa de mercado, porque existe
291 dificuldade em instituir um parâmetro”. Laura fala sobre o fato de que todos
292 podem errar e fazer uma pesquisa errada, que a pesquisa de mercado pode
293 ser malfeita ou não estar atualizada.

294 **Rio de Janeiro 02/09/2015 - Curso Economicidade em Obras Públicas e**
295 **Serviços de Engenharia - Escola Fazendária**

296 Os alunos saem e numa mesa está disposto café, água e biscoitos (wafle de
297 morango e bolinha de queijo (Piraquê). Todos se servem e conversam em
298 grupos.

299 A professora Laura se dirige a mim e diz que a ideia da dinâmica – Cidade – foi
300 tirada do exercício cidade da inclusão realizado no curso Inclusão na
301 Administração Pública.

302 No retorno a aluna 10 diz não ter recebido a apostila por e-mail. Diz: Deve ter
303 ficado no meu lixo cibernético. A professora diz: Tia Clarinha vai ver pra vc! E
304 pede que a professora Rose vá lá fora e ligue para a ECG e solicite que envie a
305 apostila por e-mail.

306 11:00hs – Rose vai e retorna pedindo à Laura o telefone da ECG. Laura pára a
307 sua explicação e oferece o telefone para Rose ligar. Rose sai e Laura retoma a
308 aula.

309 Os alunos permanecem atentos à explicação da professora.

310 Aluno 20 pergunta sobre a funcionalidade. Aluno 18 também pergunta sobre a
311 manutenção do ar condicionado.

312 Rose retorna e interrompe a Laura novamente. Ela diz que dois dos alunos
313 estão em uma pauta especial. Dois estão e dois não estão. Pediu que os
314 alunos entrem em contato com a Escola para receberem a apostila.

315 Laura retoma.

316 11:09min - aluno 18 sai da sala.

317 Aluno 15: Porque existe tanta burocracia, mesmo quando é visto que foi feito
318 alguma coisa errada. A cidade do Pan que afundou?

319 Aluno 14: Isso aí tem envolvimento de seguro também. De chamar a
320 seguradora.

321 Professora: A falta de planejamento faz tudo ocorrer em cima da hora.

322 Aluna 15: Como é que não foi feito teste antes?

323 Professora: Na hora de escolher a obra não escolheram o lugar ideal.

324 Aluno 22: Interesse político.

325 Aluna 10: A escolha é tão engraçada que as vezes eles descobrem que é um
326 campo minado.

327 11:15min. Rose vai falar sobre as licitações no Brasil. Laura se senta e Rose se
328 levanta. Rose lê a apresentação e a explica aos alunos. Os alunos copiam.
329 Aluno 15 boceja. Demais alunos anotam e permanecem atentos à explicação.
330 11:30min: Aluna 10 comenta. Rose continua.
331 Os alunos continuam atentos e anotando.
332 Aluno 15 sai da sala. Aluno 22 mexe as pernas. Outros alunos se acomodam
333 nas cadeiras. Aluno 15 retorna. Os alunos olham para a apostila e para a
334 projeção
335 Aluno 15: Aquela obra do maracanã começou com um valor e depois teve que
336 ser aditada duas ou três vezes?

APÊNDICE 2: BLOCÃO DE REGISTRO DE CAMPO CURSO 2

337 **Rio de Janeiro 23/09/2015 - Curso: Economicidade em Licitações e**
338 **Contratos Administrativos – Compras e Serviços**

339 **Evento: Cuidado**

340 Professor, após buscas no computador, mostra aos alunos (no site do TCE)
341 que há agora uma nota técnica sobre contratação de funcionários de TI.

342 Paschoal está sentado sozinho, com um tablet à frente, concentrado ao
343 manusear o mesmo.

344 Márcio levanta-se e faz uma pergunta ao professor.

345 Professor apresenta pela projeção, mexendo ao computador “uma cola”, que
346 orienta determinados procedimentos (legislação). Alunos param as atividades
347 para ouvir a explicação. Entretanto, Giselle e Lucas permanecem trabalhando
348 ao computador.

349 No Controle Interno (grupo), Benanci orienta algumas ações, sugere ao grupo.

350 Na explicação do professor, Paschoal intervém com questão, professor explica.

351 Dirlene acrescenta, demonstrando saber os procedimentos em curso.

352 Severino também participa, respondendo perguntas do professor à turma.

353 Professor busca explicar a todos, fazer explicações coletivamente.

354 Professor deseja apresentar outra “cola” para o trabalho, para tal, pega um pen
355 drive. Após inserir o pen drive, professor apresenta e deixa exposto um
356 esquema (no slide das aulas) que eles podem consultar.

357 Professor comenta conosco que os alunos estão, em um dia, fazendo um
358 trabalho que duraria 6 meses numa prefeitura, nas mesmas proporções; a
359 diferença é que não há, nesta turma, representantes da Nutrição e da
360 Secretaria de Educação, que dominam o assunto, o que traria maior
361 fidedignidade ao trabalho, maior detalhamento. Já houve turmas que continham
362 este público.

363 Vitor pergunta ao professor se podem “trazer para a realidade” e pergunta junto
364 a Noeli se teria carne na alimentação das crianças. Professor responde com
365 quantidades etc.

366 Professor diz a Lucas para orientar seus colegas a usarem as palavras que
367 falou: O que / Como / Onde / Quando / Por que

368 Professor, que estava em pé, observando e buscando ajudar a turma, senta-se.
369 Grupo de compras pergunta se é para fazer o edital – professor diz que não, e
370 dá orientações. Lucas diz que já estavam fazendo o edital.

371 Paschoal está reunido com o grupo Ed compras, observa e participa das
372 discussões. Pergunta ao professor se tem autonomia para decidir ou se precisa
373 ter autorização do prefeito. Professor diz para colocar “proforma”, com
374 assinatura da Alice e lembra-se “aliás, tem sim, se for descentralizado, tem
375 sim”. Paschoal agradece e continua as tarefas com o grupo. E orienta-os.

376 Continuam os trabalhos, algumas questões surgem, devido às diferenças nas
377 administrações de cada servidor. Professor sempre esclarece as questões que
378 surgem e em voz alta – todos os alunos prestam atenção.

379 16:30 – Paschoal vem ao professor expor uma dúvida.

380 Há dúvidas sobre as distribuições de funções nas prefeituras e secretarias. O
381 setor de compras, por exemplo, seria de outra secretaria (administração) e não
382 de educação.

383 Paschoal dialoga e demonstra estar refletindo todo o processo e buscando
384 entender a dinâmica do processo e os papéis de cada um. Diante da ansiedade
385 do aluno, que expõe muitas perguntas, professor pede “Guenta” e continua a
386 explicar, com tranquilidade e ênfase.

387 Grupos continuam trabalhando com atenção.

388 Professor consulta aos alunos e confirma. Em municípios maiores, cada
389 secretaria tem seu setor de compras (descentralizado). Ex: RJ. O que não
390 ocorre em municípios menores.

391 16:38 – Professor pergunta ao Controle Interno se já descobriram o que está
392 faltando no edital. Grupo ri, demonstrando não saber. Professor aponta que no
393 slide exposto, conseguirão perceber. E diz que vai ajudá-los, indo ao telão e
394 explicando, retomando alguns pontos da aula e buscando a resposta dos
395 alunos, por perguntas provocativas. E continua chamando os slides de
396 transparência.

397 Grupo da compra está integrado, alguns riem, outros falam, todos atentos e
398 trabalhando em tom baixo de voz.

399 Grupo de Controle Interno, a partir da explicação do professor, (Benanci) diz
400 que estavam fazendo diferente (de modo errado).

401 Paschoal vem mais uma vez ao professor para tirar dúvidas.
402 Depois, já de volta ao grupo, Paschoal levanta-se mais uma vez e esbarra em
403 algo no chão que faz um alto barulho (a turma estava em baixo tom de voz).
404 Muitos se assustam o olham o que houve, alguns do grupo de compras
405 entreolham-se. Paschoal, ao esbarrar no objeto e fazer barulho, fala um
406 palavrão. Vai à mesa do professor e pega uma folha em branco e a leva ao
407 grupo.

408 Professor está atento à turma, sentado em seu lugar. Percebe algo que o grupo
409 de Controle Interno está fazendo e diz “esquece isso”, pois não seria função
410 dos mesmos. Observando que o grupo necessita de auxílio, levanta-se e vai
411 até o grupo.

412 Vitor levanta-se e chama pelo professor, discretamente, para perguntar algo.
413 Paschoal faz (não é a primeira vez) várias perguntas à Giselle que responde,
414 explica, pacientemente e discordam em alguns tópicos, dialogando. Pascoal
415 demonstra intensa vontade de aprender, compreender a organização e os
416 procedimentos que não conhece ou que vivencia de maneira diferenciada.

417 Professor ouve a questão de Vitor e explica, após auxiliar o grupo de Controle
418 Interno.

419 16:57 - Professor escreve ao quadro branco uma tabela com três colunas, para
420 exemplificar como os alunos farão. E apresenta aos alunos.

421 Giselle faz uma pergunta, professor, já sentado, responde.

422 Às 17h, o professor anuncia à turma que os dará mais “5 minutinhos” para que
423 fechem um raciocínio e continuem amanhã.

424

425 **Rio de Janeiro 22/09/2015 - Curso: Economicidade em Licitações e**
426 **Contratos Administrativos – Compras e Serviços**

427 **Projeto Escola Itinerante – Região Metropolitana (Polo Caxias)**

428 **Evento: Participação**

429 14:22 – Professor disse para avançarem, para não “queimarem” ficha na aula –
430 passando para outra etapa - compras, encerrada a correção.

431 Lembra de um elemento não abordado e aborda-o.

432 Professor demonstra estar com maior energia neste início de tarde, apesar de
433 voz um tanto rouca.

434 Severino participa, com uma colocação, um exemplo no tema.
435 Na fala do professor, aluna Giselle dá um exemplo de uma legislação do TCU,
436 professor concorda.
437 A partir de uma questão da aluna sobre a aceitação do TCE, professor explica
438 que junto ao contrato, ao orçamento, é preciso dar o argumento junto. Aluna ri.
439 Dialogam sobre como é feito e como deve ser feito o procedimento.
440 Professor enfatiza a argumentação. Giselle cita duas legislações que usa nas
441 justificativas, demonstrando conhecimento.
442 Aluno 6 participa com fala e pergunta. Professor responde e cita um caso
443 trazido pelo aluno Severino.
444 Professor enfatiza a questão da razoabilidade do preço, que “não é questão de
445 senso comum”. Ver no caso concreto se o argumento justifica vantagem.
446 Aluna Giselle busca na internet uma legislação, passa ao professor que diz
447 para a turma anotar, se quiser.
448 Aluna 7 fala – Dirlene (questão sobre a legislação - dúvida).
449 14:34 – Ao passar slide, sobre parcelamento interno, professor diz que não
450 gosta de “perder muito tempo” nesse assunto e prefere que eles leiam depois.
451 Pascoal levanta uma dúvida, professor lê o slide buscando a informação. Não
452 encontra, mas confirma o que ele falou.
453 Aluna Giselle sai para atender celular.
454 14:38 – Professor vai ao quadro dar um exemplo com cálculos. Demonstra
455 cálculos de orçamento e apresenta para os alunos. Pascoal, presente apenas à
456 tarde, está bem atento.
457 Aluna Giselle retorna à sala.
458 Alunos olham para o professor. Aluno 9 olha para a planilha.
459 Benanci participa com comentário.
460 14:43 – Professor fala sobre os critérios de aceitabilidade das empresas (ou
461 seja, para execução do contrato, do que e como é aceito ou não, também para
462 aprovação das contas) – o melhor a fazer, é travar o critério de aceitabilidade
463 por item, na negociação com os fornecedores de produtos e serviços.
464 Alguns alunos anotam.
465 Em slide, professor apresenta um quadro de orçamento.

466 14:48 – Pascoal faz uma pergunta, analisando o quadro de orçamento,
467 supondo uma situação.

468 Professor o ajuda, explorando a situação hipotética.

469 Explicação, aula expositiva continua, com professor explorando exemplos.

470 A partir dos exemplos, pede a participação dos alunos, na avaliação dos casos.

471 Usa dois trocadilhos para explicar o conteúdo (“chutes” e “feeling”). Aluna

472 Giselle suspira rindo.

473

474 **Rio de Janeiro 22/09/2015 - Curso: Economicidade em Licitações e**
475 **Contratos Administrativos – Compras e Serviços**

476 **Projeto Escola Itinerante – Região Metropolitana (Polo Caxias)**

477 **Evento: Interesse**

478 09:40 – Alguns alunos estão acompanhando a revisão com a apostila em mãos
479 (que é a impressão dos slides em apresentação). Aluno 6 faz uma pergunta
480 sobre ata de registro de preços e professor, parando, olhando para o aluno,
481 respondeu com detalhe. Retoma a apresentação.

482 Professor fala que precisa falar sobre o “CARONA”. E usa a legislação. Aluno 8
483 – Lucas balança a perna direita, demonstrando certa ansiedade, agitação.

484 Apoiar seu queixo na mão direita, sentado com certo “relaxamento”. Aluna 7
485 (Dirlene) cochila algumas vezes, com a mão apoiada ao queixo. Aluno Benanci

486 – 0, acompanha a explicação olhando a apostila. Aluno 5 – Severino está
487 sentado de maneira relaxada, com as duas mãos cruzadas sobre a barriga e as

488 pernas esticadas. Alunos 9 e 11 apresentam atenção. Aluna 14 – Gabrielle está
489 sentada isoladamente mais uma vez, encolhida (parece com frio), braços

490 cruzados e expressão de sono, cansaço. Aluna 12 está olhando para o
491 professor, com a testa franzida.

492 09:46 – Professor falou sobre “ensinar a fazer o errado” – a tendência parece
493 ser aceitar o CARONA, por isso ele “precisou” ensinar, mas o TCE ainda não o
494 aceita. Enfatiza o por que de algumas temáticas precisarem ser estudadas.

495 Aluno 6 senta-se com o corpo inclinado para a frente, atento, mas parecendo
496 fazer certo esforço para manter-se como tal.

497 Professor cita alguns exemplos de orçamentos, usando marcas de produtos –
498 Marca de ar condicionado – citando a Springer como melhor opção custo-
499 benefício, como exemplo – (parcialidade?).

500 09:49 – Chega mais um aluno e senta-se o lugar 10, junto a um grupo com o
501 qual já estava próximo ontem. Sorriu, ao chegar e olhar para esses colegas.
502 Severino virou-se para trás e o mostrou o ponto da apostila onde o professor
503 estava explicando.

504 09:51 – Professor fala de padronização. Fala sobre modelos e marcas de carro,
505 no tema orçamento. Aluno Lucas - 8 está com a caneta na boca. Entretanto, diz
506 o professor diz que não se pode direcionar para marca específica na licitação
507 (acaba com o processo de competição e certame, legais no processo). Alunos
508 9 e 10 comentam algo entre si.

509 09:54 – professor, avançando, diz que “vencemos essa primeira parte, sobre o
510 pensar a licitação...” Apresenta outro slide, com o título “Economicidade e a lei
511 8.666/93. Alunos que acompanham pela apostila passam a página (0, 5, 7, 8,
512 9, 10, 11, 14). Professor vai ao quadro para apresentar uma explicação sobre
513 como nasce a economicidade – no planejamento (apresenta o processo).
514 Professor pergunta sobre o que compram na Prefeitura (no tema), poucos
515 alunos esboçam um a resposta, um responde que trabalhar numa autarquia e
516 não adquirem.

517 09:58 – “Isso é gestão, é administração pública” – apresentando no quadro o
518 tema. Diz que administração não é só politicagem, é preciso sentar junto e
519 aprender “essa jossa”. Apresentando o planejamento. “Cadê o raio do plano
520 diretor do município para orientar essas ações, definir as prioridades”? “O que
521 é isso?” “Se não há planejamento de estrutura, como planejar outros gastos? E
522 cita, a nível federal, o raio” do Bolsa Família, alfinetando novamente,
523 parecendo querer marcar sua posição. Como o país se sustenta só
524 distribuindo, questiona.

525 Aluno 10 participa com exemplo de contratação de funcionários, professor fala
526 que a linha é concurso público, essa seria ainda outra situação, outra esfera...

527 10:03 – Aluno Lucas faz anotações. Benanci também. Os demais, atentos ao
528 professor, com o olhar direcionado ao quadro onde faz explicações. Gabrielle
529 também faz explicações. Professor olha em minha direção ao longo da

530 explicação. Benanci complementa um item da explicação, demonstrando
531 acompanhar a mesma e estar compreendendo. Faz movimentos alternativos co
532 a cabeça. Professor fala enfaticamente na explicação. Cita o trabalho prático
533 que dará aos alunos e que eles farão “fluir” o processo que está apresentando.

534

535 **Rio de Janeiro 24/09/2015 - Curso: Economicidade em Licitações e**
536 **Contratos Administrativos – Compras e Serviços**

537 **Projeto Escola Itinerante – Região Metropolitana (Polo Caxias)**

538 **Evento: Barreira**

539 O professor fala para a aluna 24 o que ele quer, ela fala o que estão fazendo e
540 o professor dá as contribuições. Enquanto eles conversam em voz alta, o aluno
541 5 do outro grupo presta atenção.

542 Os alunos 14 e 15 foram tirar dúvida com o professor, enquanto o restante do
543 grupo discutia o trabalho.

544 Os alunos 8 e 10 faziam o trabalho no notebook enquanto os alunos 1 e 9
545 escreviam na folha ofício e o aluno 5 só observava.

546 O Gestor foi no grupo de Compras verificar o andamento do trabalho.

547 Os alunos 5 e 9 conversam baixinho.

548 Os alunos 12 e 13 saem de sala.

549 O professor fala que o lanche já está servido e propõe fazer logo a pausa antes
550 que saiam aos poucos e aleatoriamente.

551 Aos poucos o grupo de Controle vai se retirando.

552 10:25h: Todos os alunos já foram para o café.

553 10:40h: Voltamos do café.

554 Os grupos voltaram para os seus trabalhos.

555 O professor ficou fazendo brincadeiras para apressar os grupos a terminarem
556 os trabalhos às 12:30h.

557 O Gestor estava sentado no meio da sala olhando para a pesquisadora 2.

558 Troquei o gravador de lugar e coloquei no outro grupo, agora cada grupo está
559 com um gravador. O professor pediu novamente a minuta do edital, pedindo
560 para deixar para depois a minuta do contrato.

561 O aluno 14 levou o trabalho rapidamente para o professor e para o Gestor.

562 10:47h: Todos os grupos discutem o trabalho. Mas conforme o celular do aluno
563 5 toca, ele verifica.
564 O professor dá dicas para o grupo de Compras que aproveita para tirar
565 dúvidas.
566 O Gestor mexe no celular.
567 Os alunos 12, 14 e 15 prestam atenção no professor.
568 A aluna 24 mexe no celular.
569 Os alunos 11 e 13 falam sobre o trabalho. O aluno 13 sai de sala em seguida.
570 O aluno 11 mexe no celular.
571 Os alunos 5 e 9 conversam aleatoriamente.

APÊNDICE 3: BLOCÃO DE REGISTRO DE CAMPO CURSO 3

572 **Rio de Janeiro 15/09/2015 - Curso: Controle Interno- gerenciamento de**
573 **riscos na administração pública**

574 **Evento: Barreira**

575 O aluno Hélio (13) conversa com a aluna que está ao lado(14).

576 O professor continua expondo o assunto.

577 O aluno 11 está com a palavra.

578 O aluno 13 para de conversar. Ele participa da aula.

579 A conversa ocorre entre o professor e alguns alunos tomam a palavra
580 complementando.

581 Os alunos 48 e 49 estão conversando aleatoriamente.

582 14:01h- Somente o professor está com a palavra, os demais estão prestando
583 atenção. Mas aos poucos os murmurinhos retornam.

584 O aluno 13 pergunta sobre o controle do ar condicionado pois está com calor.

585 O professor ia pedir, mas o aluno 47 falou que ia e foi, logo, o professor deu
586 continuidade.

587 Os alunos 48 e 49 pararam de conversar.

588 As alunas 6 e 7 também não conversam mais, estão prestando atenção na
589 aula.

590 O aluno Cristiano (9) fez uma pergunta ao professor. Conforme o professor
591 responde, alguns aproveitam para conversar.

592 Depois da pergunta do aluno 9, alguns alunos aproveitam para expor o que
593 ocorre consigo mesmo.

594 Os alunos 48 e 49, voltam a conversar.

595 Os alunos 12 e 13 conversam.

596 As alunas 6 e 7 também conversam.

597 Enquanto do outro lado cada hora um aluno está com a palavra.

598 Algum aluno pediu silêncio "Xiuuuu".

599 Os murmurinhos estavam altos, o professor pediu para prestarem atenção no
600 que a colega estava falando. A turma ficou quieta, prestando atenção, menos
601 as alunas 6 e 7.

602 A aluna 21 fala: “Todas aquelas parafernalias que o TCE pede”, todos riem e
603 lembram que está sendo gravado.

604 As alunas 6 e 7 pararam de conversar.

605 A aluna 28 faz uma pergunta para a que já estava falando (21), a conversa gira
606 em torno delas.

607 A turma está bem agitada, bem falante.

608 O professor fala pra seguir e brinca “Gente, vamos seguir, aqui não é curso de
609 Licitação não, é de Controle Externo”, alguns riem. Por fim, ele consegue dar
610 continuidade.

611 O aluno 32 está mexendo no celular. Conforme algum aluno fala, ele fala
612 alguma coisa baixinho também.

613

614 **Rio de Janeiro 14/09/2015 - Curso: Controle Interno- gerenciamento de**
615 **riscos na administração pública**

616 **Evento: Estratégia didática**

617 O aluno 23 – Helio, conta um caso do gestor que morreu. Charles: O INMETRO
618 tem norma pra tudo. Risco Residual: é aquele que já sofreu algum grau de
619 tratamento. A aluna 47 – Rosana dorme e acorda, várias vezes.

620 O aluno 3 – Luis Carlos lê o slide sobre avaliação de riscos. Carlos distribui a
621 folha do exercício 1. Os alunos vão recebendo e lendo. Os alunos conversam
622 paralelamente. Sai para ir ao banheiro. Logo voltei. Os alunos escrevem na
623 folha do exercício. O aluno 23 – Hélio, conversa com a aluna 22 – Ana Alice. A
624 aluna 36 – Andrea conversa com o aluno 40 – Joelmo. O aluno 39 – Marcos
625 Tadeu conversa com a aluna 40 – Barbara e com o aluno 38 - Rodrigo.

626 Carlos entra na sala e diz: Gente, pode perguntar pro outro aluno. O nome
627 disso é paragogia. O pessoal da pedagogia deve saber.

628 Aluno 39 – Antônio Tadeu: isso pra mim é cola!

629 O aluno 34 – José Paulo vai até a mesa de Carlos para fazer uma pergunta. A
630 aluna 30 – Fabíola também vai ao professor. Alguns alunos saem da sala. Os
631 alunos passam a trabalhar em duplas. Alunos 32 e 33 Claudia e Andre
632 trabalham juntos, Joelmo, Andrea e Isabela, José Luis trabalham juntos. Os
633 alunos 1, 2 e 3 trabalham juntos, assim como as alunas 12, 13 e 14. Os alunos
634 21, 22 e 23 trabalham juntos.

635 15:30min Carlos convida para o café. Alguns alunos saem. Outros
636 permanecem na sala. Os alunos conversam entre si, mexem no celular,
637 conversam com o professor. A maioria ainda não terminou. São 16hs.

638 16:05min Carlos convida os alunos a reunirem-se em 6 grupos de 8
639 participantes para discutir os exercícios que fizeram. Depois eles elegerão
640 apenas um exercício (modificado ou não) para ser entregue com o nome de
641 todos. Charles: Agora é que é a interação!

642 Os alunos se arrumam em grupos e começam as discussões.

643 O servidor Sig (TCE) entra na sala para fazer a chamada. A sala está
644 barulhenta por causa do trabalho em grupo. Os alunos chamam o professor
645 para solicitar orientações.

646 16:22min a aluna Fabíola se despede do grupo e sai da sala. Os alunos
647 continuam discutindo o exercício.

648 Carlos vai de grupo em grupo pedindo: “Foco aí no produto final pra gente
649 cumprir o cronograma e cada relator ler o seu e a gente terminar tudo as
650 16:45min”.

651 Barbara fala com Antônio Tadeu: Vc não ouviu? Ele (o professor) disse que a
652 gente vai ter que ler!

653

654 **Rio de Janeiro 15/09/2015 - Curso: Controle Interno- gerenciamento de**
655 **riscos na administração pública**

656 **Evento: Participação**

657 09:57h- O aluno 20 chega.

658 O grupo acaba a apresentação e o professor elogia- “Show, vocês estão de
659 parabéns”.

660 Agora ele pede para outro grupo se apresentar, como ninguém se manifesta,
661 ele escolhe um grupo do outro lado da sala.

662 “Luís já matou aqui”, diz o professor quando o aluno percebe o foco do trabalho
663 do outro grupo.

664 10:02h- O aluno 38 chega.

665 O professor lança uma pergunta para a turma, as respostas não são unânimes.

666 O aluno 13 acrescenta.

667 Enquanto o professor fala, os dois alunos que estão sentados na frente
668 comentam algo.

669 O segundo grupo continua com a apresentação. Que levanta um ponto que
670 ninguém falou ainda, com isso, o professor puxa um gancho e fala um pouco
671 sobre.

672 As alunas 6 e 7 conversam. Quando elas param de falar, a aluna 6 olha para
673 mim e volta o olhar para o professor.

674 A aluna 7 pede a palavra. O professor fala que o que ela pontuou foi “perfeito”
675 e complementa.

676 As alunas 28 e 29 conversam.

677 Depois são os dois senhores da frente que conversam.

678 As alunas 21 e 22 também conversam. Os demais voltam a prestar atenção na
679 aula.

680 A aluna 18 pede a palavra. Enquanto ela falava, uma outra aluna interagiu
681 rapidamente.

682 A aluna 7 pontua outro aspecto que a aluna 18 complementa.

683 10:16h- A palavra está com o professor agora.

684 10:18h- Chega uma aluna que utiliza muletas (aluna 52), esta recebe a ajuda
685 da aluna 45, elas acabam trocando de lugar.

686 A aluna 18 continua falando. A fala intercala entre a aluna e o professor.

687 As alunas 6 e 7 conversam.

688 10:22h- O professor pede novamente para lembra-lo do café. Um aluno o
689 lembra, mas o professor fala que um grupo pode começar, mesmo que não
690 termine.

691 O aluno 13 pede a vez e começa a apresentar.

692 Conforme os alunos apresentam, o professor vai lembrando ou
693 acrescentando alguma informação.

694 O aluno que está apresentando diz que não entendeu o que estava escrito, a
695 aluna 19 se manifestou falando a palavra. O professor brinca falando que
696 precisa de um “glossário”.

697

698 **Rio de Janeiro 22/09/2015 - Curso: Controle Interno- gerenciamento de**
699 **riscos na administração pública**

700 **Evento: Interação professor/aluno**

701 Os alunos fazem individualmente, porém alguns discutem com algum colega.
702 O aluno 3 (Luis) tira dúvidas com Charles. O professor aproveita a dúvida para
703 expor à turma. Um aluno diz: Eu fiz isso, professor!
704 O grupo 1 conversa sobre assuntos extra tema de aula. Um aluno diz: Vocês
705 iam acreditar? As alunas mulheres riem e uma diz: Depende do histórico! A
706 outra: Depende do histórico do esposo. Todas riem.
707 Uma aluna do grupo 2 vai embora.
708 Carlos orienta o aluno 3 (grupo 1) enquanto as alunas (Erica e colega)
709 continuam rindo animadamente.
710 Carlos vai para o grupo 3 explicar a diferença de análise e avaliação. Segue
711 para o grupo 4. Um aluno diz: nós ouvimos! (Se referindo à explicação dada ao
712 grupo 3) mas Carlos explica novamente.
713 Carlos retorna ao grupo 1 e puxa conversa: Hj acaba o inverno. A aluna diz: a
714 primavera começa no dia 22.
715 O aluno (bombeiro, do grupo 1) puxa conversa com as alunas Erica e colega.
716 Elas riem muito. O grupo 1 negocia quem vai escrever na folha que será
717 entregue. Qual a pessoa de melhor letra.
718 Carlos retorna ao grupo 1 e tira a dúvida do aluno bombeiro: Professor, vc não
719 acha que o ambiente organizacional é o componente mais importante? Carlos
720 explica que não colocaria nenhum componente como mais importante. Todos
721 são importantes.
722 A aluna de vermelho do grupo 1 (colega de Érica) fala sobre o filho que passa o
723 dia vendo Discovery Kids.
724 No grupo 2 ouço uma conversa: Só chá de cogumelo! É diurético! O grupo ri.
725 O aluno Luis, as duas alunas do seu lado esquerdo e o aluno do seu lado
726 direito parecem mais envolvidos com a tarefa.
727 Nova risada de Érica, colega e bombeiro.
728 O grupo 2 continua falando sobre chá.
729 No grupo 3 , 4 alunas saem da sala. Um aluno do grupo 2 volta com cafezinho.
730 Um aluno do grupo 1 sai da sala.
731 Mudei a posição da câmera

732 Vozes do grupo 2: Era aquela jornalista que apresentava o Sem Censura? Uma
733 aluna responde: Saia Justa? Aluno (Helio): É... Outra: Maria ribeiro? É a mulher
734 do Caio Blat! Os alunos do grupo riem.
735 Carlos se dirige ao grupo 2. A conversa para. A conversa muda. Aluno: Vertical
736 é o controle feito pela sociedade. Carlos sai, a conversa volta: Aluna: mas é
737 assim mesmo, casamento... Carlos retorna falando sobre combate de risco. A
738 conversa para novamente.

